

REVISTA

FILME B

SHOW DE INVERNO ABRIL DE 2012

BEM-VINDO AO CINEMA DIGITAL

Confira um guia básico para entender como a chegada das novas tecnologias vai transformar radicalmente a distribuição e a exibição de filmes

OS *BLOCKBUSTERS* QUE VÃO MOVIMENTAR AS FÉRIAS ■ ARTIGO: DESAFIOS PARA O CRESCIMENTO DA EXIBIÇÃO NO BRASIL ■ PERFIL DO EXIBIDOR: MARCOS ARAÚJO



E MAIS: PROMETHEUS 3D E IMAX 3D
(PROMETHEUS)
15 DE JUNHO

ABRAHAM LINCOLN: CAÇADOR DE VAMPIROS 3D
(ABRAHAM LINCOLN: VAMPIRE HUNTER)
3 DE AGOSTO

À B

EMBARQUE COM A FOX RUMO A MAIS UM RECORDE DE BILHETERIA.

A ERA DO GELO 3 FEZ HISTÓRIA:

- MAIOR ANIMAÇÃO DE TODOS OS TEMPOS
- 3º MAIOR FILME DA ATUALIDADE COM 9.282.002 ESPECTADORES
- PÚBLICO ACIMA DE AVATAR; RENDA MAIOR QUE TITANIC

A ERA DO GELO 4

DISPONÍVEL TAMBÉM EM **3D** DIGITAL

29 DE JUNHO NOS CINEMAS

**MAIOR CAMPANHA PROMOCIONAL
JÁ FEITA PARA UM FILME NO BRASIL.**

EIRA DO CAMINHO
10 DE AGOSTO

VIZINHOS IMEDIATOS DE 3º GRAU
(NEIGHBORHOOD WATCH)
7 DE SETEMBRO

BUSCA IMPLACÁVEL 2
(TAKEN 2)
5 DE OUTUBRO



O multiplex já era!

Paulo Sérgio Almeida

A transição digital mal começou no Brasil e já precisamos ficar antenados com as novidades que vêm por aí. O digital vai fazer uma farra nos próximos anos: com as novas tecnologias, tanto os filmes quanto os cinemas – como espaço físico, produto etc – vão se transformar completamente. As possibilidades do cinema digital são horizontais, verticais e de 360 graus. Em termos de criação de imagens dramáticas e efeitos especiais, tudo hoje é possível, nem o céu é o limite.

E se nem o céu é o limite, por que ficarmos nos limites de um *shopping center*? Há 15 anos, os cinemas foram para o *shopping* por uma combinação de conveniência, segurança, custos de edificações e facilidades de estacionamento. O modelo multiplex se aproveitou dessa equação e conquistou alguns ganhos tanto para o mercado de cinema como para os próprios *shoppings* – mas, agora, tudo poderá mudar. O multiplex foi um modelo vencedor pois era revolucionário pela otimização de custos e por apresentar vantagens de um sistema operacional que vai se modificar radicalmente com o digital.

Com o digital, não precisaremos mais de salas coladas para o aproveitamento de uma única cópia, ou de um ou dois projetoristas para diversas salas. O cinema digital parte de uma central que distribui os filmes para várias salas, que hoje necessitam de outros elementos (como telas gigantes, IMAX) e outro tipo de otimização. Já se fala em um sistema de iluminação a laser com possibilidades inclusive de projeção holográfica, que eliminaria os projetores tradicionais (e, conseqüentemente, as cabines) e poderia acrescentar outros tipos de conteúdos como games gigantes, trazendo plateias significativas de jovens que hoje já não vão tanto ao cinema.

Quanto tempo será necessário para que essas mudanças ocorram ninguém ainda pode precisar, mas o certo é que o multiplex, da forma como conhecemos hoje, já era, e o cinema poderá se libertar do *shopping*, pelo menos em parte. Pode parecer uma coisa pouco viável vendo-se a realidade atual, mas é bom o mercado começar a pensar nisso.



Foto: Marcos Issa

CINEMA DIGITAL 07

Um guia básico para entender a transição digital dos cinemas, com a opinião de especialistas e um vocabulário com os principais termos que, a partir de agora, passam a fazer parte do dia a dia de exibidores e distribuidores

30 ALTA TEMPORADA

Confira os títulos que prometem lotar os cinemas brasileiros nessa temporada de férias



Madagascar 3 - Os procurados

Foto: divulgação

38 PERFIL DO EXIBIDOR

À frente da Cinematográfica Araújo, Marcos Araújo aposta em tecnologia e qualidade para crescer e enfrentar a concorrência



Foto: Paula Kossatz

44 ARTIGO

Patrícia Kamitsuji, diretora presidente da Fox Film do Brasil, comenta os desafios para a expansão do mercado cinematográfico no país

46 EXIBIÇÃO EM NÚMEROS

Um painel da exibição no Brasil em quatro tabelas



Foto: Marcos Issa

Revista Filme B >>> Diretor: Paulo Sergio Almeida **Editor:** Pedro Butcher **Editor-assistente:** Gustavo Leitão **Repórter:** Beatriz Leite **Estagiários:** Marina Carvalho e Tiago Maranhão. **Comunicação e marketing:** Denise do Egito **Projeto gráfico:** Cardume Design **Diagramação:** Ana Soares **Revisão:** Cristina Siaines **Pesquisa:** Elizabeth Ribeiro **Foto da capa:** Paulo Sergio Almeida **Gráfica:** Walprint >>> www.filmeb.com.br



PREPARE-SE PARA A SUPERPRODUÇÃO 3D DE RIDLEY SCOTT!

P R O M E T H E U S

PRÉ-ESTREIA A PARTIR DE 7 DE JUNHO

DISPONÍVEL EM 2D, 3D E IMAX 3D

www.prometheusfilme.com.br



Fique por dentro do mercado assinando o **melhor banco de dados** do Brasil

pesquise por:

cidade

estado

cinema

filme

público

renda

exibidor

distribuidor

etc, etc, etc

BOX OFFICE BRASIL

filmeboxofficebrasil.com.br

boxoffice@filmeb.com.br



REVOLUÇÃO DIGITAL

BREVE NUM CINEMA PERTO DE VOCÊ

Por Pedro Butcher e Gustavo Leitão

Caro exibidor: prepare-se. Seu negócio nunca mais será o mesmo. A tão falada “conversão digital dos cinemas”, ou seja, a substituição dos projetores 35mm por aparelhos digitais, que há anos vem sendo comentada – e até certo ponto temida – pelo mercado, não está mais em um futuro distante. Adiada por crises econômicas e por perguntas de respostas complexas (como “quem paga a conta?” ou “que padrão adotar?”), a conversão dos cinemas à tecnologia digital é uma realidade em pleno curso e um processo inevitável para qualquer país que queira fazer parte do mercado cinematográfico.

Cinemas digitais já são maioria nos Estados Unidos e Canadá (65%) e estão perto disso na Europa (49%) e Ásia (41%). Alguns territórios como Noruega e Hong Kong já digitalizaram todas as suas salas. No ano passado, o presidente da Associação de Exibidores dos EUA, John Fithian, anunciou que os grandes estúdios interromperiam

a produção de cópias em 35mm no mercado americano até o fim de 2013, e deu um ultimato: “Se você é exibidor e não tomar uma decisão imediatamente, sua decisão é estar fora do negócio”.

O Brasil, assim como todos os países da América Latina, está atrasado em relação a outros mercados de peso. Chegou ao fim de 2011 com 510 de suas 2.346 salas – ou seja, 22% do total – equipadas com projetores digitais compatíveis com o DCI (padrão de definição mínimo determinado pelos estúdios de Hollywood). Praticamente todas elas equipadas com a tecnologia 3D, único elemento do digital que traz um verdadeiro diferencial para o público. Tudo indica, no entanto, que o processo de digitalização vai deslanchar em 2012.

A Revista Filme B preparou um guia básico para se compreender de que forma a transição digital vai afetar o negócio cinematográfico – e as transformações não são poucas.

NAS PRÓXIMAS PÁGINAS, VOCÊ VAI ENCONTRAR:

- Uma entrevista com Tomas Naranjo, diretor geral da empresa espanhola Kelonik, que explica detalhadamente o que muda na operação dos cinemas digitais;
- O que é a Virtual Print Fee (VPF), o modelo mais comum de financiamento dos projetores digitais;
- Uma entrevista com Manoel Rangel, diretor presidente da Agência Nacional do Cinema, que fala da linha de financiamento especial do Fundo Setorial do Audiovisual voltada para a digitalização;
- Vocabulário básico do cinema digital, elaborado por Luiz Gonzaga de Luca, um dos maiores especialistas em exibição e tecnologia digital do Brasil.

ENTREVISTA / TOMAS NARANJO, diretor geral da Kelonik SA

“A digitalização não é apenas uma mudança tecnológica”



Diretor geral da Kelonik S.A., empresa espanhola que atua no mercado de infraestrutura de salas de cinema desde 1975, e que este ano incorporou às suas operações a brasileira Transisom, dos irmãos Albert e Isaac Besso, Tomas Naranjo explica, na entrevista a seguir, como a tecnologia digital está transformando radicalmente a exibição e a distribuição de filmes. “A digitalização no cinema está apenas começando”, afirma Naranjo, que já acumulou vasta experiência no assunto ao participar da transição digital na Espanha e em outros países da Europa.

Como funciona um cinema completamente digital?

Um complexo digital teoricamente poderia funcionar apenas com projetores digitais e um servidor para cada sala. Mas a digitalização traz vantagens operacionais e facilita a exibição de outros tipos de conteúdo, o que acaba aumentando os requisitos básicos para um aproveitamento maior da tecnologia. A arquitetura básica que se faz necessária hoje é de um projetor com servidor por sala, todos conectados por uma rede local, a um servidor central. Nesse servidor central está o **Theatre Management System (TMS)**, pacote de *softwares* que permite um gerenciamento automatizado dos cinemas.

Qual a função do TMS?

O TMS é um pacote de programas que constitui o **Library Management Server (LMS)**, cuja principal função é armazenar conteúdos. Também estão no TMS, por exemplo, o *software* que gera as *playlists* (a relação completa dos conteúdos exibidos em cada sala) e os programas relacionados ao gerenciamento da Virtual Print Fee (VPF).

Como se dá a administração digital da VPF?

Basicamente, a VPF é uma taxa paga pelos provedores de conteúdo que contribui para o financiamento dos projetores digitais (leia mais sobre a VPF na página 12). Esses provedores necessitam de funcionalidades que precisam ser cumpridas. Por exemplo: por razões de segurança, o **DCP (Digital Cinema Package)**, contendo os arquivos digitais dos filmes, chega ao cinema criptografado. Para gerar corretamente as **KDMs (Key Delivery Message)**, mensagens com as chaves que “decifram” os arquivos e liberam o conteúdo para exibição nas salas, os distribuidores precisam de informações precisas sobre os equipamentos instalados no cinema. As chaves precisam “concordar” com os servidores: é preciso saber que tipo de projetor, seus componentes e, sobretudo, as características do servidor. Um detalhe: até pouco tempo atrás, apenas o servidor central continha o chamado *media block*, a unidade operacional de segurança capaz de “decifrar” o DCP. Atualmente, no entanto, já existem proje-

tores com o *media block* integrado. Dentro do TMS há também o **Asset Management System**, que obtém o inventário exato dos equipamentos do complexo. E há ainda um *software* obrigatório para todos os cinemas que usam a VPF, de controle dos *logs*. Cada projeção de uma publicidade, uma vinheta, ou mesmo o apagar das luzes de uma sala – tudo isso gera um *log*. O programa possui um rigoroso sistema de segurança que impede a modificação desses *logs*, para que todas as atividades fiquem registradas. Assim, se o filme de um determinado distribuidor foi programado em três salas, aquele cinema poderá ter direito a três VPFs, dependendo do acordo feito entre as partes, e assim por diante. Há também outro programa, chamado **Incident Ticket System** (que não tem nada a ver com a bilheteria), um *software* específico para registrar incidentes como interrupções na projeção, e que mede os tempos de resposta até o problema ser corrigido.

Já existe um sistema de gerenciamento que conecte todos os complexos de um mesmo grupo exibidor?

Obs: As definições das palavras destacadas estão no “Vocabulário do cinema digital”, a partir da página 18.

Sim, é o chamado **NOC (Network Operation Center)**, um sistema de monitoração remota em que tudo está conectado. Com um NOC, um exibidor pode monitorar, de sua sede, o que está acontecendo em cinemas de outra cidade ou mesmo outro país.

Qual a principal transformação que a digitalização trará aos exibidores?

A digitalização não é apenas uma mudança tecnológica e está muito longe de ser apenas a instalação de um projetor e de um servidor. Não é apenas a tecnologia da cabine de projeção que está mudando. Toda a gestão do grupo exibidor precisa mudar também. Até pouco tempo, o único setor de um cinema digitalizado era a bilheteria. Agora não mais. O modelo digital é o novo “pulso” da companhia: o departamento de programação pode fazer muito mais coisas, o financeiro também será afetado... A digitalização afeta algo entre 60% e 70% dos departamentos de uma empresa de exibição, e positivamente. Com os novos sistemas será possível decidir, alguns minutos antes da sessão começar, uma mudança de sala, por exemplo. Quando há uma digitalização apenas parcial e um complexo tem apenas entre dois e quatro projetores digitais, um projetor quebrado significa uma sala parada. E normalmente é a sala que está passando o filme mais procurado do fim de semana. Quando você tem um complexo totalmente digital, há soluções. Você nunca vai deixar de exibir o *Harry Potter*, pois poderá imediatamente transferir o filme para outra sala.

Mas isso não depende da autorização da distribuidora, para liberar as chaves?

O que está acontecendo é que os estúdios não estão impondo obstáculos nesse sentido. Você pode gerar a chave, por exemplo, para seis salas, de modo a manter a flexibilidade de programação para que o exibidor possa tomar decisões rápidas. Há uma consciência por parte dos distribuidores e exibidores de que todos os passos necessários para o cinema digital não podem entrar em conflito com o negócio. Não é o caso do Brasil, mas em muitos países do mundo, principalmente da Europa, a

“A digitalização afeta entre 60% e 70% dos departamentos de uma empresa de exibição”

bilheteria tem estado fraca. Ninguém está em condições de perder dinheiro, ninguém quer que o digital seja um peso a mais.

De que forma os filmes digitais chegam aos cinemas?

Por enquanto, em *hard drives*. É um modelo seguro e barato. Um HD custa cerca de US\$ 200 e pode fazer seguramente 15 *deliveries*, ou seja, o cinema que vai exibir o filme em várias salas pode receber apenas um HD. Mas isso deve mudar. Uma das opções seria a transmissão dos arquivos por satélite, mas pessoalmente não acredito que ela será adotada de forma maciça, porque o uso do satélite é alugado por um tempo determinado, em geral de madrugada, e se houver algum erro

precisará de mais tempo. As últimas pesquisas apontam para a tecnologia ponto a ponto, uma ligação direta entre o servidor central da companhia e o servidor dos cinemas, que pode ser feita por fibra ótica.

Quem fornece as KDMs ao exibidor?

Normalmente são os laboratórios digitais, a partir do acordo feito com o distribuidor. Assim como o laboratório “analógico” produzia as cópias 35mm, os laboratórios da era digital produzem as cópias digitais (*hard drives*) e as chaves de leitura (KDM). Alguns integradores, como Arts Alliance, também produzem cópias digitais e fornecem chaves.

Já se fala em uma tecnologia que aumenta o número de quadros projetados na tela por segundo – o chamado *high frame rate*. O que será necessário para que um exibidor possa passar filmes nessa tecnologia: apenas um *upgrade* ou a troca de projetor?

O primeiro filme com essa nova forma de captação e reprodução da imagem deverá ser *O Hobbit*. Mas não há como saber exatamente o que o exibidor terá que fazer, porque tudo depende da geração do projetor que ele comprou. O *high frame rate* pode ser de 48 quadros por segundo ou 60 quadros por segundo. E há ainda outras variáveis: se vai ser projetado em 2K ou 4K, se vai ser em 3D *triple flash* – tudo isso, você sabe, multiplica o número de *frames* projetados por segundo. Provavelmente os projetores mais recentes, instalados nos últimos oito meses, precisarão apenas de um *upgrade*. Para outros, é provável que não. Dependendo, o exibidor precisará de um *upgrade* de *software*, de um *upgrade* de *hardwa-*

re, ou talvez seja necessário mudar o core do projetor.

O que nos leva a outra questão importante da transição digital: o exibidor precisa se adaptar à rápida obsolescência tecnológica.

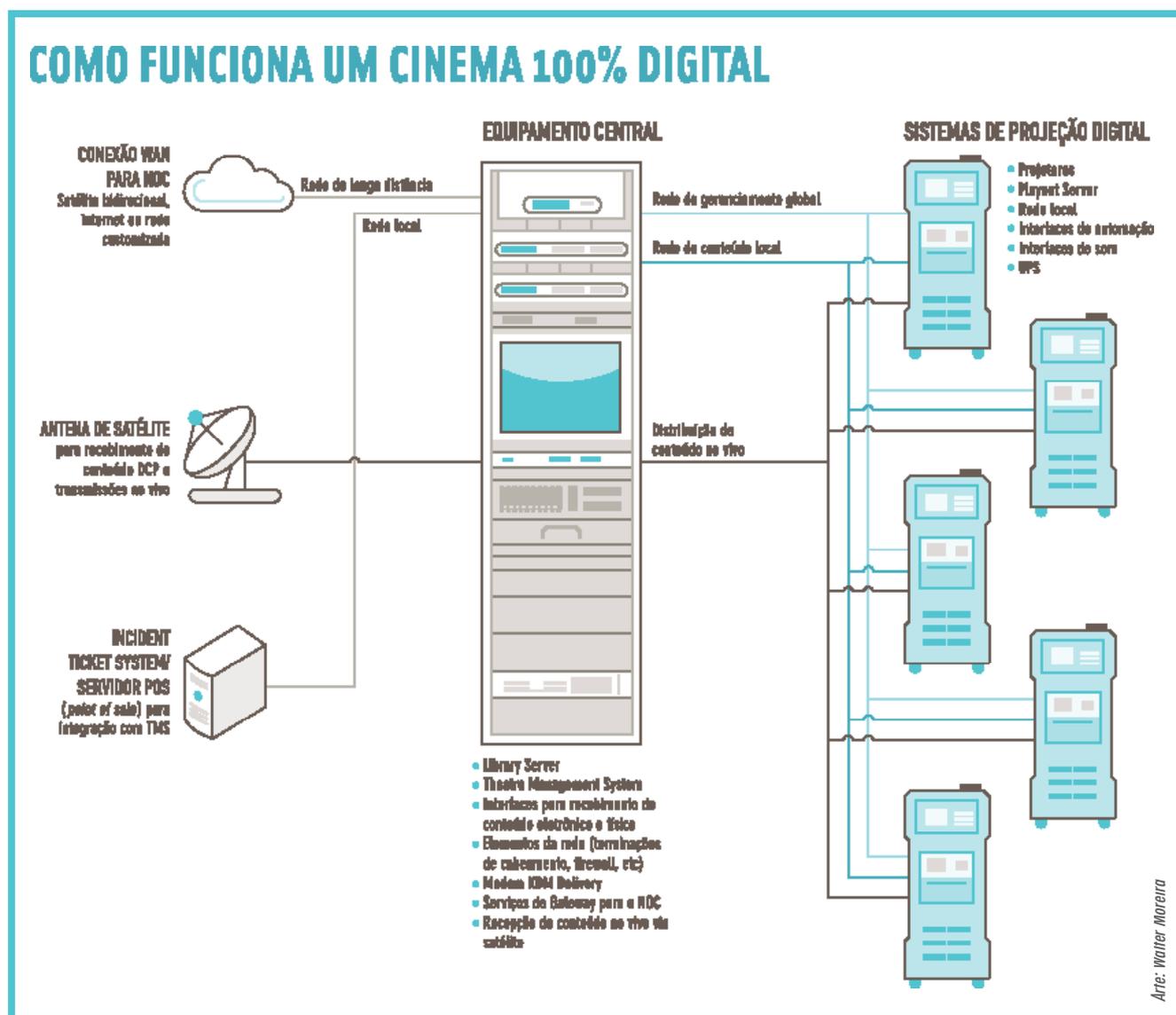
Na verdade, não podemos chamar de obsolescência... Obsolescência é quando você já não tem funcionalidade para o equipamento que adquiriu. A transição digital foi pensada levando isso em conta: os projetores instalados há quatro anos poderão projetar filmes por pelo menos dez anos. Há um compromisso dos provedores de que eles continuarão a fornecer conteúdos compatíveis com

esses projetores. Ou seja: *O Hobbit* estará disponível em versão *high frame rate* e em todos os formatos necessários para atender os projetores digitais em funcionamento, desde que de acordo com o padrão *DCI*.

De qualquer maneira, a tecnologia é rápida...

Sim: e a tecnologia digital no cinema está apenas começando. Uma vez na estrada digital, o cinema passa a compartilhar pesquisas e desenvolvimento com outros sistemas digitais, em outra velocidade.. A mais importante consequência da adesão do segmento *theatrical* ao digital é que agora estará no mesmo nível de

outros desenvolvedores de *hardware* e *software* como Intel, Microsoft etc. Antes, o *theatrical* era um “gap” analógico, totalmente anacrônico. Toda a cadeia de valor de uma obra audiovisual já era digital, com exceção da exibição nos cinemas. A pós-produção já era digital. O filme era “convertido” em analógico para chegar ao cinema e depois disso voltava ao digital para ir ao DVD, à televisão. Era totalmente ilógico... O cinema precisava ser digital por muitas razões, mas, principalmente, pela consistência – afinal, hoje, tudo é digital.



A mais nova produção da Globo Filmes acaba de estrear num computador perto de você.

The screenshot shows the Globo Filmes website with a navigation bar at the top containing 'globo.com', 'noticias', 'esportes', 'entertainment', and 'videos'. Below the navigation bar is a search bar and social media icons. The main content area features a grid of movie posters including 'CARANDIRU', 'NOSSO LAR', 'CAZUZA', 'CIDADE DE DEUS', 'CILADA', 'PERNAS NO AR', and '5x FAVELA AGORA POR NÓS MESMOS'. A featured section for 'E Ai, Comeu?' includes a photo of the cast and a description: 'Marcos Palmeira, Bruno Mazzeo e Emilio Orciolo Neto vivem três amigos que conversam sobre suas angústias masculinas numa mesa de bar.' Below this are two smaller featured items: 'Paraisos Artificiais' and 'Corações Sujos'. The page is divided into sections for 'NOTÍCIAS' and 'VÍDEOS'. The 'NOTÍCIAS' section includes articles about Danielle Winits, Luiz Gonzaga's wedding, and José Wilker. The 'VÍDEOS' section features trailers for 'Paraisos Artificiais', 'Os Penetras', and 'Totalmente Inocentes'. At the bottom, there are more featured articles like 'Até que a Sorte nos Separe', 'A Cadeira do Pai', and 'Faroeste Caboclo', along with a '@PAGINADOCINEMA' section containing social media-style posts about the website's content.

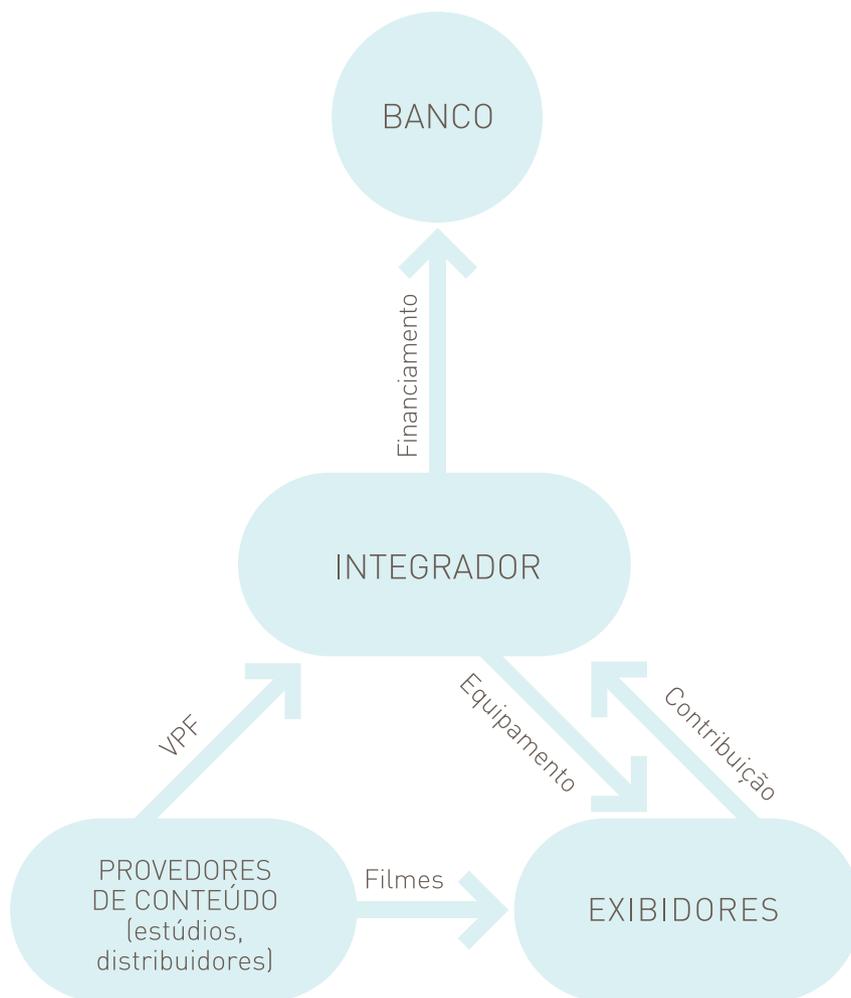
A Globo Filmes está com um site novo.

Acesse globofilmes.com.br e saiba todos os detalhes sobre os lançamentos. Confira também trailers, fotos, vídeos exclusivos, notícias e entrevistas.

GLOBO FILMES
O cinema que fala a sua língua.

FINANCIAMENTO DO CINEMA DIGITAL

O que é e como funciona a Virtual Print Fee (VPF)



● VPF, sigla para Virtual Print Fee, é o modelo de financiamento para a substituição dos projetores analógicos por digitais adotado nos principais mercados do mundo, no qual os provedores de conteúdo (estúdios, distribuidores) arcam com parte dos custos do projetor.

● Em tradução literal, VPF significa “remuneração pela cópia virtual” – isso porque, quando um exibidor opta pela projeção digital, proporciona ao distribuidor a eco-

nomia na confecção de cópias 35mm. Dependendo do mercado, um distribuidor pode gastar entre US\$ 1,2 mil e US\$ 1,5 mil por cópia 35mm, enquanto uma cópia digital custa cerca de US\$ 200.

● Nos modelos mais comuns, o pagamento da VPF não é feito diretamente ao exibidor, mas a uma terceira parte, o chamado integrador, que realizará a ponte entre as partes interessadas.

- A participação do integrador facilita a transição digital de redes de exibição que não pertencem a empresas multinacionais e grupos de médio e de pequeno porte. A união de exibidores em um bloco, representados pelo integrador, permite a compra de um maior número de equipamentos e permite uma melhor negociação junto aos fabricantes e ao banco.

- Cabe ao integrador levantar o financiamento necessário para a compra em larga escala de projetores digitais, instalar os projetores e sistemas operacionais (os custos de manutenção do aparelho ficam por conta do exibidor) e administrar o repasse da VPF efetuado pelas distribuidoras.

- O cálculo da VPF é feito caso a caso e dependerá de vários fatores: tamanho do circuito, número de filmes em lançamento exibidos por ano, média de rentabilidade das salas, etc. Os contratos são altamente complexos e podem ter até 120 páginas.

- Algumas empresas de exibição multinacionais – entre elas Cinemark, Cinépolis e UCI, que atuam no Brasil – optaram por negociar e assinar contratos de VPF diretamente com os estúdios e distribuidores, sem a parti-

cipação de um integrador. No entanto, esses grupos precisam ao menos licenciar o programa desenvolvido por um integrador para administrar a VPF nos cinemas.

- No Brasil, 17 grupos exibidores, que ao todo somam 750 salas (entre eles o Kinoplex Severiano Ribeiro, maior empresa nacional do setor), formaram um consórcio para viabilizar a substituição tecnológica em seus circuitos.

- Há dois candidatos a integrador no Brasil: a brasileira Mobz, de Fábio Lima, que se associou à companhia inglesa Arts Alliance; e a Beyond All, empresa com sede em Miami, de Tieres Tavares, associada à americana Cinedigm. Os dois parceiros internacionais já acumulam vasta experiência na transição digital: a Arts Alliance na Europa, a Cinedigm nos Estados Unidos.

- No Brasil, a Ancine lançará uma linha de financiamento do Fundo Setorial do Audiovisual especialmente voltada para a digitalização (veja entrevista com o diretor-presidente da agência, Manoel Rangel, na página 14).

CINEMA DIGITAL > sites importantes

Confira, a seguir, uma relação de *websites* que reúnem definições e informações importantes a respeito da tecnologia digital nos cinemas.

Digital Cinema Initiatives (DCI)
www.dcmovies.com

Traz as principais informações e novidades relacionadas aos padrões do cinema digital adotado por Hollywood. Quem se interessar pode assinar uma *newsletter* que se encarrega de avisar sempre que há uma nova atualização no site.

MKPE Consulting
www.mkpe.com

Site da empresa de consultoria de Michael Karagosian, especialista em cinema digital. Foi o consultor da NATO (associação de exibidores dos EUA) junto ao comitê que formulou o padrão DCI.

DCinema Today
www.dcinematoday.com

Site que realiza uma ampla compilação das notícias relacionadas à digitalização publicadas ao redor do mundo.

Digital Cinema Report
www.digitalcinemareport.com

Uma reunião de artigos e notícias sobre a transição digital.

SMPTE
www.smpte.org

Site oficial da Society of Motion Picture & Television Engineers, associação de engenheiros ligados à tecnologia audiovisual considerada referência importante no estabelecimento de padrões do cinema digital.

CINEMA CON
www.cinemacon.com

Site da principal convenção de exibidores e distribuidores dos Estados Unidos, onde são apresentadas as principais novidades tecnológicas do cinema digital.

CINEMA DIGITAL > equipamentos

Quais são os principais fornecedores de equipamentos digitais que seguem o padrão DCI para o mercado de cinema no Brasil:

PROJETORES	SERVIDORES	3D
Christie	Doremi	Real D
Barco	Dolby	Dolby
NEC	GDC	X-pand
Sony		Master Image

ENTREVISTA / MANOEL RANGEL

“No processo de digitalização, não podemos perder nenhuma sala”



Tudo indica que a transição digital no Brasil seguirá o modelo adotado em vários países da Europa como França, Reino Unido e Holanda, onde o estado teve uma participação importante no financiamento da substituição dos equipamentos e na regulação do processo. Na entrevista a seguir, o diretor presidente da Agência Nacional do Cinema, Manoel Rangel, explica qual será o foco do governo e como funcionará a linha especial do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) especialmente destinada à digitalização, no valor de R\$ 55 milhões.

Como a Ancine vê o processo de transição digital no Brasil?

A digitalização está em curso e é preciso acompanhá-la com atenção, tomando os cuidados para preservar os interesses da política pública brasileira de cinema. Vemos a digitalização também como uma oportunidade, já que ela reposiciona a atividade cinematográfica e abre novas oportunidades para que outros produtos possam circular, como o 3D. Do ponto de vista da estrutura do negócio, em tese você reduz custos para a circulação das obras, facilita a programação múltipla em uma mesma sala e possibilita que um pequeno exibidor receba a cópia ao mesmo tempo em que um grande exibidor, sem o problema do custo. Ainda que certos agentes do mercado ainda tentem aplicar a lógica anterior, vejo oportunidades. Temos acompanhado o processo e entendemos que é chegado o momento de uma atuação mais incisiva do governo brasileiro no sentido de garantir que os princípios da política pública de cinema sejam observados.

Qual será o foco da atuação da Ancine?

O Brasil tem um parque cinematográfico pequeno. Nossas 2.300 salas são um número aquém daquilo que o Brasil mereceria ter em função do tamanho de sua economia e população. Isso significa que, no processo de digitalização, não podemos perder

“A digitalização está em pleno curso e é preciso acompanhá-la com atenção, tomando cuidados para preservar os interesses da política pública de cinema”

nenhuma sala. Uma coisa são as salas que fecham porque estavam condenadas pela forma como o negócio estava sendo organizado, isso faz parte do jogo; outra coisa são salas de cinema serem deixadas para trás por causa de um processo planejado de obsolescência de uma tecnologia. Outro ponto

importante é encontrar um caminho pelo qual os exibidores brasileiros consigam fazer essa migração. Por que o foco nas empresas brasileiras? Porque os grupos internacionais têm estrutura e viabilidade amarradas nos EUA. Suas negociações são feitas em escala internacional, a estrutura de financiamento é amparada em modelos de juros baixos, e todos estão tocando seu processo. Nosso esforço principal é auxiliar as empresas brasileiras. Contamos com dois instrumentos principais. O primeiro é a desoneração fiscal. A Lei 12.599/2012, sancionada no dia 23 de março, isenta de todos os impostos federais a modernização e construção de novas salas por um prazo de cinco anos, o que significa uma redução de custos de 30%. O segundo é um fundo que terá seu foco no financiamento de integradores que possam agilizar e induzir o processo de digitalização. Dada a realidade do parque exibidor, com dezenas de grupos exibidores, você precisa de alguém que aglutine 400, 500, 600 salas para ter poder de negociação junto às distribuidoras e com os fabricantes.

Essa linha de financiamento faz parte do FSA?

Sim. Já temos recursos autorizados no orçamento de 2011 que já foram incorporados ao orçamento do BNDES. Estimamos que, numa primeira fase, precisaremos de algo em torno de R\$ 55 milhões. O que ainda precisa ser resolvido é a definição dos empreendedores que vão comandar a tarefa de pegar o financiamento e se responsabilizar pelo seu pagamento. Nossa visão é que os distribuidores têm que assumir boa parte desse financiamento da digitalização. Eles são diretamente beneficiados, já que desaparece o custo da cópia, e entendemos que esse recurso deve se transformar em custeio do processo da digitalização. De outro lado, a gente entende que o integrador precisa ser capaz de mobilizar capital próprio ou do fabricante e demonstrar sua capacidade de ser o operador efetivo dessa digitalização. O exibidor também deve ter a capacidade de mobilizar algum capital, além do compromisso solidário com o integrador de honrar os compromissos da digitalização. E o FSA entra como um facilitador ao oferecer um crédito de longo prazo, que estimamos de seis, sete anos, com juros abaixo da Selic.

Quem terá acesso ao fundo, o exibidor ou o integrador?

O integrador. Os agentes privados fazem seus acordos com os integradores, mas há condições que precisam ser aceitas para que esses tenham acesso ao crédito. O arranjo montado deve permitir a integração de qualquer exibidor. Se ele quer migrar só o filé *mignon*, não contará com a parceria do poder público no processo de migração.

Mas como garantir, na prática, a inclusão de todos os exibidores?

É provável que a gente exija um compromisso dos integradores para que eles ofereçam exatamente as mesmas condições para todos. Ou seja, se um exibidor de uma cidade isolada, pequena, se apresentar assumindo as mesmas responsabilidades de um exibidor de uma cidade média ou grande, o integrador oferecerá as mesmas condições a ele. Ou seja, ele terá a VPF para o sustentar nesse processo, permitirá a entrada do

“O arranjo montado deve permitir a integração de qualquer exibidor. Ele que ter abertura para incluir todos”

exibidor nessa espécie de consórcio, terá com o fabricante o mesmo custo. O integrador terá que cumprir certas exigências para acessar o recurso público, mas nada impede que ele levante seu financiamento junto a bancos privados, se preferir. Nós faremos com que o exibidor saiba dessas condições. Claro que sabemos também que esse processo provavelmente se dará em duas etapas, partindo do centro para a periferia, porque é assim que funciona todo processo de expansão econômica e de migração tecnológica. Também não vamos contrariar o mercado, mas vamos corrigir as distorções que o mercado sem qualquer regulação costuma gerar.

Se um agente estrangeiro quiser ser o integrador, precisa obrigatoriamente estar associado a uma empresa brasileira?

Há vantagens em ser um brasileiro associado a um estrangeiro porque esse estrangeiro traz o know-how e esse brasileiro fica responsável pela operação e terá facilidades. Mas não há, a princípio, vedação para que seja apenas um estrangeiro também.

A digitalização pode ser positiva para o filme brasileiro?

Ela deve facilitar a chegada do filme brasileiro ao conjunto do país, pois reduz o custo da cópia. Você está facilitando os lançamentos maiores dos filmes brasileiros e a chegada das produções menores, para que possam ter presença em sessões múltiplas. Claro que o filme estrangeiro também é beneficiado, mas o que me importa é que isso traz uma facilidade maior para o filme brasileiro, que tem tido dificuldades de ser programado, sobretudo quando se leva em conta o custo de cópia versus custo de mídia.

Quantas salas o fundo pode beneficiar?

Estamos prevendo que possa ajudar a migrar cerca de 1.400 salas. É possível que a metade possa migrar nos dois primeiros anos e a outra no terceiro e quarto. Mas isso depende muito da disposição com que vão se apresentar os integradores.

Quais as perspectivas e metas para o avanço da digitalização?

É difícil falar em prazos, mas se tudo correr bem, devemos disponibilizar a linha de digitalização até maio ou junho. Entendemos este momento como o que os exibidores e integradores precisam se organizar para estarem prontos no momento em que a linha estiver aberta. É o momento de movimentar-se.



PONTO DE VISTA

EXIBIDOR

ADHEMAR OLIVEIRA
Grupo Espaço de Cinema



Tecnicamente, o digital representa uma grande revolução. Será muito mais fácil programar os cinemas. Com o mercado totalmente digitalizado, a cópia não será mais o drama do pequeno exibidor – para o bem e para o mal, porque, é claro, também ficará mais fácil errar a dimensão dos lançamentos. Eu me lembro bem do caso de *Quebrando o tabu*, um documentário polêmico sobre a descriminalização da maconha, com depoimento do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. O filme ganhou ampla matéria no *Fantástico*, vários exibidores queriam passá-lo, mas não havia cópia 35mm. A projeção digital acaba com esse problema.

Em relação ao financiamento, a grande questão do modelo VPF é que, depois de cinco anos, o inferno termina para o distribuidor, mas continua para o exibidor. O digital abre uma porta infinita de atualizações, manutenção, durabilidade da lâmpada (que é bem menor no projetor digital). Quanto tempo será necessário fazer um *upgrade* no projetor? Além do que, em muitos casos, não é só o projetor, é preciso todo um recondicionamento do cinema. Até hoje algumas empresas não têm ar condicionado nas cabines de projeção, por exemplo. E, como sabemos, um projetor digital precisa trabalhar em temperaturas baixas.

DISTRIBUIDOR

RODRIGO SATURNINO
BRAGA
Sony Pictures do Brasil



A digitalização é uma questão de gestão, sobretudo. Quanto menos for politizada, melhor. O fracasso da digitalização seria um resultado de má de gestão, não uma derrota política. Pouca coisa muda nas relações comerciais já existentes, a mudança principal está na administração dos negócios.

A VPF foi motivo de amplo debate nos EUA. Foi uma resposta à grande questão que se impôs com a digitalização: quem vai se beneficiar mais? Mas a resposta para esse debate nunca foi tão clara quanto parece, porque, afinal, o exibidor também vai poder ganhar mais com o digital a partir do momento em que terá a possibilidade de explorar melhor a publicidade na tela e o conteúdo alternativo, por exemplo.

A negociação da VPF é muito complexa. Não é “a distribuição” de um lado e “a exibição” do outro; é uma negociação caso a caso. Cada contrato tem suas condições. A única exigência da Sony será a garantia de que o filme ficará uma semana em cartaz, com todas as sessões. No Brasil, nesse sentido, a VPF vai representar uma revolução radical, porque aqui nunca houve contratos na relação entre distribuidor e exibidor. Nos países de tradição jurídica anglo-saxônica, todos os distribuidores trabalham com contrato.

PARAMOUNT 100 ANOS. VOCÊ FAZ PARTE DESSA HISTÓRIA DE SUCESSO.



PRÓXIMOS LANÇAMENTOS



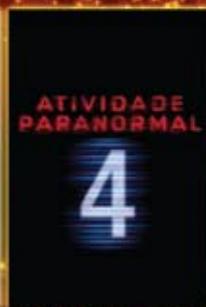
MADAGASCAR 3:
OS PROCURADOS
07/06 - EM 3D



O DITADOR
15/06



G.I. JOE:
RETALIAÇÃO
17/08



ATIVIDADE
PARANORMAL 4
19/10



FUN SIZE
02/11



A ORIGEM DOS
GUARDIOES
30/11 - EM 3D

VOCABULÁRIO BÁSICO DO CINEMA DIGITAL

Luiz Gonzaga de Luca

Autor dos livros *Cinema digital - Um novo cinema?*, *A hora do cinema digital* e *Cinema digital e 35mm*



Projektor digital da Barco

PADRÕES DE CAPTAÇÃO E PROJEÇÃO DA IMAGEM DIGITAL

2K | Nos filmes exibidos e/ou processados em formato digital, é a resolução de 1998 x 1050 pixels (na proporção 1:1.85) e 2048 x 858 pixels (no cinemascope). Para a exibição de conteúdos alternativos, é utilizada a resolução 1920 x 1080 (full HD). Foi adotado como padrão pelo **DCI**, sendo empregado pelas empresas distribuidoras internacionais. Apesar de não ter uma qualidade de imagem superior às cópias em película, representa significativa redução de custos nas operações de distribuição e exibição quando comparados aos outros padrões comumente utilizados na captação dos filmes. O termo **2K** refere-se ao valor de 2000, da mesma forma como a denominação do *bug* do milênio, Y2K, ou Year 2000.

4K | Nos filmes exibidos e/ou processados em formato digital, refere-se à resolução de 4096 x 2160 pixels. Diferentemente do 2K, apre-

senta um ganho significativo de qualidade de imagem em relação às cópias em película, e é a resolução mais adequada para projeção em telas gigantes.

CINEMA DIGITAL | O termo está relacionado a uma intensa discussão ligada aos padrões digitais estabelecidos pelos estúdios norte-americanos. Em termos mais sintéticos, segundo os estúdios, cinema digital seria aquele que segue as normas estabelecidas pelo consórcio **DCI**. Os modelos que possuem parâmetros diferentes, em geral mais simples e econômicos, seriam os “cinemas eletrônicos”.

DCI (DIGITAL CINEMA INITIATIVES) | Comissão formada em março de 2002 pelos grandes estúdios do cinema norte-americano com o objetivo de estabelecer os padrões mínimos para a projeção digital dos filmes realizados pelos estúdios e criar condições para uma transição tecnológica estável. Em julho de 2005, a comissão divulgou um documento de 156 páginas chamado “Digital

Cinema System Specification” (“Especificações do Sistema de Cinema Digital”), que sofreu algumas correções e atualizações. A última versão do documento foi publicada em março de 2008. O DCI adotou como padrão o sistema de compressão de imagens JPEG 2000 e o som “broadcast wave” PCM/WAV. O sistema de colormetria escolhido é o de 12 bit, na resolução **2K** ou **4K**, à velocidade mínima de 24 quadros por segundo. O documento também define as especificações para a montagem do **Digital Cinema Package (DCP)** e as regras de proteção do conteúdo e encriptação. As especificações também definem parâmetros para o ambiente de projeção, como a luminosidade da lâmpada do projetor.

DC 28 (DIGITAL CINEMA TECHNOLOGY COMMITTEE) | Denominação dada ao Digital Cinema Technology Committee, comissão formada pela **SMPTE** (Society of Motion Picture and Television Engineers) para estudar e normatizar a tecnologia de cinema digital. Divide seus estudos em sete áreas: maste-



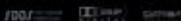
O ESPETACULAR
HOMEM-ARANHA
(THE AMAZING SPIDER-MAN)

A HISTÓRIA NÃO REVELADA
TAMBÉM EM 3D E IMAX 3D

COLUMBIA PICTURES APRESENTA UMA PRODUÇÃO MARVEL STUDIOS/LAURA ZISKIN/AVI ARAD/MATT TOLMACH "THE AMAZING SPIDER-MAN"™ ANDREW GARFIELD EMMA STONE
RHYS IFANS DENIS LEARY CAMPBELL SCOTT IRRFAN KHAN COM MARTIN SHEEN E SALLY FIELD MÚSICA DE JAMES HORNER PRODUTORES STAN LEE KEVIN FEIGE MICHAEL GRILLO
BASEADO NO PERSONAGEM DE MARVEL DE STAN LEE E STEVE DITKO ESCRITO POR JAMES VANDERBILT PRODUTIVO POR LAURA ZISKIN AVI ARAD MATT TOLMACH DIRETOR POR MARC WEBB



oespetacularhomemaranha.com.br



Verifique a classificação indicativa.

JULHO 2012

IMAX 3D is a registered trademark of IMAX Corporation.



rização, compressão, acesso condicional, transporte e transmissão, áudio, sistemas dos cinemas e projeção.

DIGITAL INTERMEDIATE | Processo de finalização de uma obra audiovisual captada em película em que o material é escaneado e digitalizado, em geral na resolução **2K**.

HIGH FRAME RATE | Tradicionalmente, o cinema analógico trabalha com a velocidade de captação e projeção de imagens a 24 quadros por segundo. O cinema digital permite a adoção de novas velocidades, que devem estar disponíveis para a exibição nos cinemas nos próximos anos, como 48 quadros por segundo, ou mesmo 60 quadros por segundo. A utilização de *high frame rates* melhora o conforto visual do espectador e elimina ou diminui a incidência de problemas como *ghosting*.

PIXEL | Aglutinação das palavras “picture” (que em inglês abrevia-se “pix”) e “element”, ou “elemento de imagem”. Em sua acepção mais simples, é o menor ponto que forma uma imagem digital. A palavra pode ser utilizada de maneira abstrata ou de forma mais genérica, como unidade de medida.

RESOLUÇÃO DA IMAGEM | A imagem do cinema digital é determinada por cada ponto gerado pelos *chips* dos projetores. Nos projetores DLP CINEMA, a resolução da imagem é

estabelecida pelo número de microespelhos do *chip DMD* (Digital Mirror Device). Cada espelho equivale a um pixel de imagem. Nos projetores SXRD, estabelece-se um pixel a partir de uma molécula de silicone existente dentro do *chip*. Os projetores DLP têm resolução de 1998 (na horizontal) por 1050 (na vertical) pixels para a proporção 1:1,85. Por isso, são chamados 2K. Os projetores de 4K de resolução podem ser DLP ou SXRD e têm resolução de 3.996 x 2.160 pixels.

R:G:B | Diferentemente dos processos de ajustes para impressão gráfica e para as artes plásticas, que utilizam as cores primárias (ciano, magenta e amarelo), o processamento de imagens em vídeo tem como cores fundamentais o vermelho (RED), o verde (GREEN) e o azul (BLUE).

CINEMA 3D DIGITAL

3D | Abreviatura de “tridimensional”. Em cinema, designa o conjunto de processos utilizados para provocar no espectador a ilusão de recriar a terceira dimensão.

ESTEREOSCOPIA | Processo de simulação que permite que imagens bidimensionais sejam observadas como tridimensionais. Utiliza o princípio da diferença angular horizontal entre as imagens observadas por cada olho (paralaxe). A estereoscopia pode ser obtida por diferentes processos, sendo os principais:

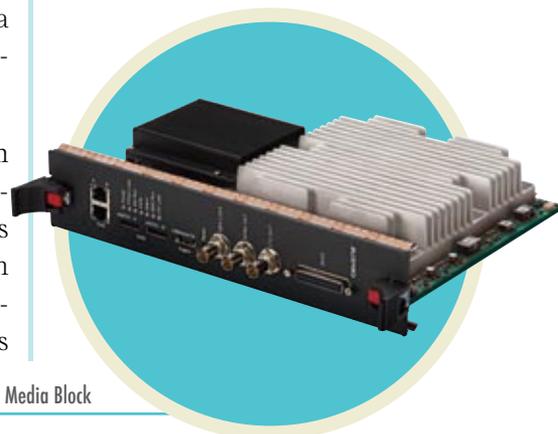
- **PROCESSO ANAGLÍFICO**: aquele em que a imagem de cada olho é processada com diferente escala nas ondas de cores, em geral, através do ciano (azul) e magenta (vermelho) aplicados em cada lente dos óculos. Os

óculos utilizados complementarão esses parâmetros através do uso de uma lente na cor vermelha e outra na cor azul. O sistema Dolby 3D utiliza esse processo, embora envolva componentes digitais mais sofisticados, dividindo os espectros de cor;

- **PROCESSO POR POLARIZAÇÃO**: A visualização tridimensional se faz pela polarização das imagens. Cada lente polarizada dos óculos só permite a visualização da imagem correspondente. É utilizado no Real D e no Master Image, através da polarização circular horária e anti-horária efetivada em um filtro de LCD colocado na frente da lente do projetor. Os óculos possuem microssulcos com polarização semelhante à do dispositivo do projetor.

ESTEREOSCOPIA ATIVA | É aquela em que as imagens são “obturadas” por um par de óculos que fecha e abre a visão alternada das imagens em alta velocidade. São lentes com LCD (cristal líquido) acionadas elétrica e sincronicamente por emissões de ondas infravermelhas. Exigem o uso de baterias. O sistema Xpand utilizado em cinemas é o único sistema ativo.

ESTEREOSCOPIA PASSIVA | Utiliza processos que utilizam a superposição das imagens dos dois olhos de forma não simultânea, para a criação de uma sensação de tridimensionalidade.

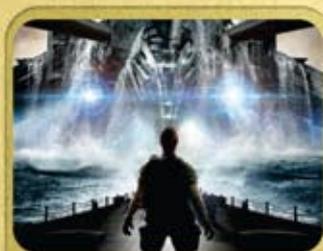


Integrated Media Block

Uma história de 100 anos de amor ao cinema.

UNIVERSAL. 100TH ANNIVERSARY[®]

A COMCAST COMPANY



BATTLESHIP - A BATALHA DOS MARES
11 de maio



O QUE ESPERAR QUANDO VOCÊ ESTÁ ESPERANDO
18 de maio



BRANCA DE NEVE E O CAÇADOR
01 de junho



TED
24 de agosto



O LEGADO BOURNE
24 de agosto



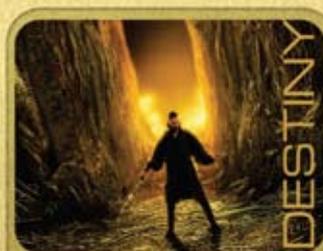
PARANORMAN
07 de setembro - Em 3D



CINCO ANOS DE NOIVADO
21 de setembro



SELVAGENS
19 de outubro



47 RONIN
23 de novembro - Em 3D

Filmes distribuídos pela Paramount Pictures Brasil.



dade. A alta velocidade da projeção, com a fixação das imagens na retina, faz com que se tenha a sensação de visão simultânea.

REAL D | Tecnologia digital de projeção estereoscópica 3D introduzida pela Disney em novembro de 2005 (com o filme *O galinho Chicken Little*). Utiliza um projetor digital que alterna imagens polarizadas, em sentido horário e anti-horário, em uma velocidade de 144 quadros por segundo.

TRIPLE FLASH | Processo de projeção estereoscópica em que cada fotograma é exibido por três vezes para um dos olhos. Comumente, as projeções 3D digitais exibem as imagens em 48 quadros por segundo, sendo que cada quadro é projetado três vezes para cada olho, redundando em uma projeção com 144 quadros por segundo. Com este processo, a retina retém as imagens com maior definição.

GHOSTING | Formação de imagem dupla nas projeções estereoscópicas.

OPERAÇÃO DOS CINEMAS DIGITAIS

DIGITAL ASSET MANAGEMENT | Um dos pacotes de *software* que fazem parte do **TMS**. Tem como função registrar os equipamentos digitais disponíveis em cada cinema, como projetores, servidores, receptores de satélite etc.

CERTIFICATION TRAINING | A manutenção preventiva e a correção de defeitos dos projetores digitais, diferentemente do que ocorre com os projetores 35mm, são realizadas por técnicos habilitados pelos seus fabricantes. A certificação dos técnicos é efetivada em diferentes níveis. Um técnico de nível 1, por

exemplo, não pode fazer operações corretivas que envolvam interferência física nos projetores. O emprego de mão de obra não habilitada no nível adequado à manutenção específica pode resultar na perda de garantias dos equipamentos.

CONTEÚDOS ALTERNATIVOS | Programas, como shows, esportes, bales, óperas e jogos, que podem ser exibidos nas salas de cinema, em transmissões ao vivo ou pré-gravadas.

COOLING | Os projetores digitais são mais sensíveis ao calor do que os de 35mm, podendo sofrer danos ou interrupção de sessões por conta do aquecimento. Os sistemas de refrigeração (*cooling*) das lanternas de luz, que requerem exaustores potentes e uma refrigeração adequada ao ambiente, são primordiais nas instalações.

CÓPIA DIGITAL | Cópia do filme produzida para ser exibida em sala com tecnologia de exibição digital. Por enquanto, a forma mais comum de se enviar as cópias digitais aos cinemas tem sido por meio de um *hard disk*, que se encaixa no servidor da sala ou do cinema, transportado em *cases* especiais.

COS (CINEMA OPERATING SYSTEM) | Sistema operacional criado pela Kodak que faz uso de uma rede de comunicação e permite a exibição de uma única cópia em mais de uma sala simultaneamente. Para isso, utiliza-se um servidor principal que distribui as informações para todas as salas, que são equipadas com um servidor e projetor especial. O sistema inclui tecnologia de gerenciamento de cores criado em parceria com a IBM.

CRİPTOGRAFIA | Ramo da matemática que estuda técnicas capazes de

transformar uma informação para que ela possa ser transmitida de maneira ilegível, e só possa ser reconhecida pelo detentor da “chave” de leitura. É um procedimento utilizado em modelos de segurança e, no cinema digital, o principal recurso para evitar o vazamento de arquivos.

DCD (DIGITAL CINEMA DISTRIBUTION) | Processo de transmissão digital do *Digital Cinema Package* (DCP) para os servidores de exibidores. Pode ocorrer via rede, satélite, ou através de entrega física do pacote, seja ele em disco rígido, DVD, ou fita LTO.

DCDM (DIGITAL CINEMA DISTRIBUTION MASTER) | Matriz (máster) que contém os arquivos de imagens, áudio e legendas de um filme, e que também pode incluir os arquivos para sincronização e composição total do material a ser exibido. Serve de base para a transferência das imagens, do áudio e das legendas para exibição nos cinemas antes da compressão, da criptografia e do “empacotamento”.

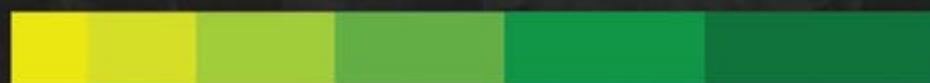
DCP (DIGITAL CINEMA PACKAGE) | Pacote de dados produzido a partir do **DCDM**, que passa pelos processos de compressão, criptografia e empacotamento antes de ser distribuído aos cinemas. É a “cópia” que será utilizada nos cinemas.

DECODER | Dispositivo que compatibiliza as informações de um progra-



Case de hard disk

Scan 4K • Correção de Cor • VFX • Masterização
Masterização DCP • Geração de KDM



QUANTA POST

Intermediação Digital

Rua Othão, 285 - Vila Leopoldina São Paulo - SP - Cep 05313-020
contato@quantapost.com - quantapost.com - +55 11 2164-3420



ma com os equipamentos que estão sendo utilizados.

As imagens são codificadas quando processadas.

Faz-se necessário decodificá-las para que sejam exibidas. Os diferentes conteúdos a exibir nos cinemas exigem diferentes decodificações. A transmissão de um conteúdo de televisão exigirá o uso de um decodificador de códigos binários (codec) que os equipamentos utilizados nos cinemas digitais não são capazes de realizar, daí a necessidade de um decodificador específico para tal fim.

DLP (DIGITAL LIGHT PROCESSING) | Tecnologia usada em projetores cuja imagem é criada por espelhos microscópicos posicionados em um *chip*, chamado **DMD**, no qual cada espelho representa um pixel da imagem. A luz do projetor é refletida nos espelhos do *chip*, fazendo com que o feixe luminoso seja projetado através da lente, produzindo imagens claras e bem definidas. Comparado a outras tecnologias de projeção, é de tamanho menor, possui tempo de vida prolongado e maior facilidade na substituição da fonte de luz.

DMD (DIGITAL MIRROR DEVICE) | *Chip* responsável pelo processamento da imagem em um projetor digital do sistema DLP, desenvolvido pela Texas Instruments. É composto de milhões de microespelhos que escaneiam a imagem fornecida por uma fonte de memória. Há uma versão do projetor que contém um *chip*, destinado para o uso doméstico e institucional, e outra que contém três *chips*, cada qual cobrindo uma cor do sistema

RGB (*red, green and blue*, ou seja, vermelho, verde e azul).

DVI (DIGITAL VISUAL INTERFACE) | Interface de vídeo destinada à reprodução de conteúdos digitais. É o padrão mais utilizado em projetores digitais domésticos. As entradas DVI existentes nos projetores dos cinemas deverão ser utilizadas para exibições de outros conteúdos que não estejam no padrão DCI. O digital, por exemplo, facilita o aluguel de salas para a realização de eventos corporativos, em que podem ser necessárias uma apresentação em Power Point ou uma exibição de DVD.

INGEST | Procedimento de transferência de conteúdos para os servidores dos cinemas, especialmente filmes arquivados em *hard disk*.

INTEGRATED MEDIA BLOCK | Projetores digitais que contêm o *Media Block* incorporado. As normas DCI recomendam a adoção deste tipo de equipamento, tendo em vista a redução das possibilidades de pirataria e intervenções indesejadas por operadores do sistema.

INTERFACE | Dispositivo que permite a comunicação entre os equipamentos digitais de um mesmo cinema, necessário para viabilizar operações de automação das salas como ligar ou desligar as luzes, baixar os “maskings”, alterar a seleção de fontes de arquivos a serem exibidos etc. As interfaces tanto podem ser aparelhos como softwares instalados nos equipamentos, e permitem que os equipamentos “conversem na mesma língua”. Uma das interfaces mais comuns dos equipamentos digitais é o “switcher”, que permite o uso de diversas fontes de conteúdos sem a conexão de nenhum cabo.

KDM (KEY DELIVERY MESSAGE, ou MENSAGEM DE REMESSA DE CHAVES) | Mensagem enviada pelo distribuidor contendo a chave de acesso que libera a projeção de um longa-metragem, prevenindo um prazo para a exibição desse conteúdo previamente negociado entre o distribuidor e o exibidor.

LIBRARY SERVER | Servidor que permite o “streaming” de arquivos de mídia de um computador central para o computador de um cliente. Ele contém os arquivos que serão disponibilizados para o outro computador.

LOGGING | Procedimento em que é solicitada uma senha para que se faça determinada operação. Há diversos tipos e níveis de *logging*, a começar pelos mais simples, que são os de autorização para exibição de conteúdos e autorização de intervenção em processos dos equipamentos, até os mais complexos, que permitem a real interferência nos dispositivos e *softwares* dos equipamentos.

LUMINÂNCIA | A luminância é a quantidade de luz que um objeto reflete. Os projetores e as lâmpadas que serão utilizadas são especificados conforme sua luminância. Para exibições profissionais de cinema digital, os projetores variam entre 13.000 e 33.000 lumen. O que determinará a luminância do projetor a ser adquirido é o tamanho da tela.

MEDIA BLOCK (BLOCO DE MÍDIA) | Unidade operacional que converte o *DCP* em imagem, sons e legendas. É responsável pela identificação e leitura da compressão e da criptografia, operando entre o SMS e o projetor. Pode estar incorporado ao projetor ou ser um elemento externo ligado ao equipamento.

WILL SMITH **TOMMY LEE JONES**
DE VOLTA AO PASSADO... PARA SALVAR O FUTURO



MIB³
HOMENS DE PRETO 3
TAMBÉM
EM 3D
E IMAX 3D

COLUMBIA PICTURES APRESENTA EM ASSOCIAÇÃO COM HEMISPHERE MEDIA CAPITAL UMA PRODUÇÃO AMBLIN ENTERTAINMENT
EM ASSOCIAÇÃO COM PARKES + MacDONALD IMAGE NATION UM FILME DE BARRY SONNENFELD JOSH BROLIN "MEN IN BLACK" 3 JEMAINNE CLEMENT MICHAEL STUHLBARG e EMMA THOMPSON
LÍDRAS DE DANNY ELFMAN PRODUTORES EXECUTIVOS STEVEN SPIELBERG G. MAC BROWN BASEADO NO ROTEIRO DE LOWELL CUNNINGHAM ESCRIDO POR ETAN COHEN PRODUTORES POR WALTER F. PARKES e LAURIE MACDONALD
DIRETOR DE ARTE BARRY SONNENFELD homensdepreto3.com.br 3D SONY COLUMBIA PICTURES

25 DE MAIO NOS CINEMAS

Verifique a classificação indicativa.

IMAX 3D is a registered trademark of IMAX Corporation.

NOC (NETWORK OPERATION CENTER) | Centros operacionais que monitoram os cinemas à distância, por meio de transmissões via satélite ou por “bandas largas”. Por meio dos NOCs as operações dos cinemas podem ser programadas e alteradas à distância. Também é possível fazer a verificação de condições fundamentais da operação de um complexo, detectar problemas, atualizar *softwares* e fazer reparos remotos.

PLAYLIST | Composição de comandos e ordenação de funções a serem executadas nas cabines. Indicam, por meio do time-code, a hora de começar uma sessão, com a redução da luz da sala; o início da exibição de um rolo de comerciais; o início de exibição de cada *trailer*; o apagamento total das luzes; o início da exibição do filme; o acender das luzes em 50% de intensidade nos letreiros finais, e o acendimento final das luzes. Em resumo, determina o ordenamento que os equipamentos seguirão durante as sessões.

PROJECTOR DIAGNOSTICS | Sistema ou *software* de projetores digitais que permite o acompanhamento de suas funções, em especial aquelas de manutenção (vida útil da lâmpada, temperatura do projetor, indicação de operações), que podem ser monitoradas à distância pelo **NOC**.

ROLO (REEL) | Assim como no cinema 35mm, os conteúdos digitais são armazenados e organizados em másteres chamados de rolos (reels). Esses rolos são compostos por diversas trilhas (*tracks*) de sinais e podem ser dispostos e alterados conforme descritos nas “playlists”.

SECURITY MANAGER (SM) | Gerenciador

de segurança que atua entre o Bloco de Mídia (Media Block) e o projetor. Para exibir um filme, o SM exigirá uma “chave de acesso”, que é fornecida pelo distribuidor e abre os arquivos criptografados. Caso haja interrupções no funcionamento ou violações no bloco, o SM detecta os problemas ocorridos, os notifica e interrompe a projeção.

SERVIDOR (SERVER) | São os computadores onde são armazenados e processados os filmes. Os mais famosos utilizados no cinema digital são o Dolby, o DOREMI e o GDC. Além deste tipo de servidor, utilizado diretamente para a exibição dos filmes, outro tipo de servidor é utilizado para gerenciar as salas digitais. Geralmente, são computadores comuns que recebem os *softwares* do TMS.

SET UP | Ajustes de diversas variáveis de um equipamento digital. Ao término da operação, todos os ajustes são gravados na memória dos equipamentos.

SMS (SCREEN MANAGEMENT SYSTEM/SISTEMA OPERACIONAL DA EXIBIÇÃO) | Sistema operacional que permite o controle da programação de uma sala em que podem constar as vinhetas, os comerciais, os *trailers* e os longas-metragens. As tarefas do operador serão efetivadas nesse sistema, que traz funções como “começar”, “parar”, “selecionar o menu” ou “editar o menu”.

SNMP AGENT (SIMPLE NETWORK MANAGEMENT PROTOCOL) | *Software* que tem como função viabilizar o monitoramento e manutenção de redes à distância, inclusive com a correção de eventuais problemas que surjam.

Lâmpada de equipamento digital



É um dispositivo básico para os NOC.

STREAMING | Tecnologia de multimídia na qual um usuário recebe e visualiza continuamente um arquivo de áudio ou vídeo ao mesmo tempo em que o provedor o envia. Pode-se dizer que a televisão e o rádio são streaming.

SXRD (SILICON X-TAL REFLECTIVE DISPLAY) | Processo de projeção desenvolvido pela Sony, baseado no chip de mesmo nome. Baseia-se nos princípios da tecnologia conhecida como LCOS (Liquid Cristal On Silicon). Tem resolução de 4K (4096 x 2160 pixels).

TDL (TRUSTED DEVICE LIST) | Localizada no KDM, é uma lista de segurança contendo os equipamentos com permissão para processar o conteúdo que compõe o KDM.

INCIDENT TICKET SYSTEM/TROUBLE TICKET SYSTEM | Pacote de *softwares* responsável pelo registro de problemas ligados ao suporte tecnológico. No caso do cinema digital, o Ticket System está instalado no TMS, e tem como função registrar todos os incidentes que possam ocorrer em um complexo digitalizado. Quando uma projeção é interrompida, por exemplo, um “ticket” se abre e mede os tempos de resposta até que o problema seja solucionado.

TMS (THEATRE MANAGEMENT SYSTEM/SISTEMA OPERACIONAL DO CINEMA) | Sistema operacional que controla os equipamentos do cinema e as funcionalidades do SMS. Realiza o controle de todas as salas de um complexo, da criação da programação à identificação e correção de problemas, passando pelo controle dos próprios equipamentos. ■

A RIOFILME ESTÁ FAZENDO 20 ANOS. GUARDE AS PALMAS PARA OS PRÓXIMOS SUCESSOS DO CINEMA CARIOCA.

A RioFilme completa 20 anos em 2012. Para comemorar, a empresa vai bater o seu recorde de investimento. Serão ao menos R\$ 31 milhões em cerca de 75 projetos de empresas cariocas de audiovisual, incluindo filmes, séries de TV, festivais e novas salas de cinema. É um investimento 30 vezes superior ao realizado em 2008. Com o apoio da Prefeitura, a RioFilme virou um caso concreto e bem-sucedido de investimento público em economia criativa. E o Rio de Janeiro tornou-se a capital brasileira que mais investe no setor audiovisual.

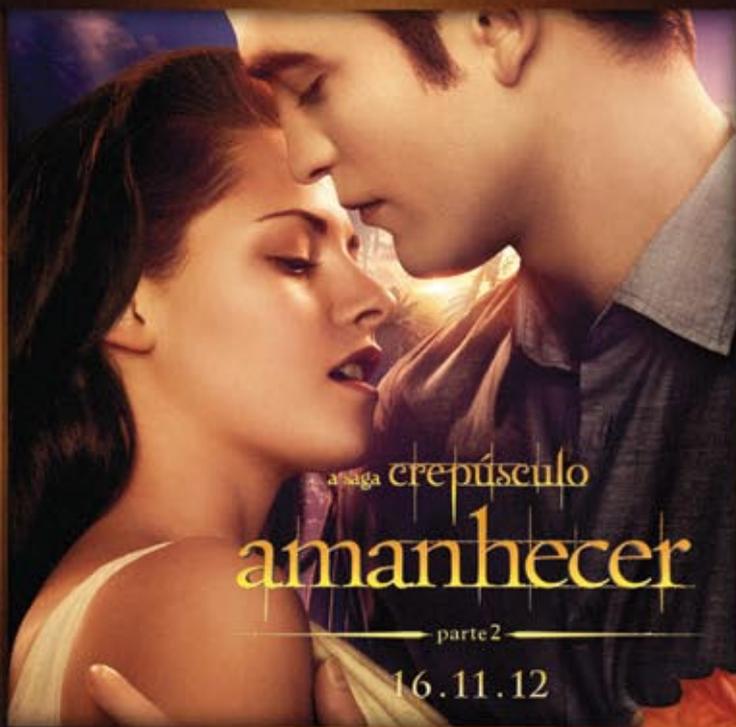
Próximos lançamentos investidos pela RioFilme:

E aí, comeu? / Totalmente inocentes / Até que a sorte nos separe / De pernas pro ar 2 / 31 minutos - O filme



RIO, UMA CIDADE DE CINEMA.





NESTE INVERNO, VENHA
COM ESSA SAFRA DE



VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DOS FILMES



PARA
ROMA
COM AMOR



PARIS FILMES

A BRINDAR CONOSCO
GRANDES SUCESSOS



TOTALMENTE
inocentes



e aí...
COMEU?

DESTAQUES DA TEMPORADA

A alta temporada de *blockbusters* de 2012 tem como carro-chefe os novos filmes de franquias bem sucedidas como *A era do gelo*, *Madagascar*, *Homem-aranha* e *Batman*, entre muitos outros. Confira a seguir os títulos que devem movimentar os cinemas nos próximos meses.

Por Gustavo Leitão, Beatriz Leite, Marina Carvalho e Tiago Maranhão

LEGENDAS	ANI	Animação
	FRA	Franquia
	BLO	Blockbuster
	3D	3D
	HQ	Quadrinhos



Homens de preto 3

divulgação

ANJOS DA LEI (21 JUMP STREET, SONY)

4 de maio **BLO**

Esta adaptação da série homônima com Johnny Depp, exibida nos anos 1980, deu à história ingredientes de comédia. Jonah Hill e Channing Tatum vivem dois policiais novatos que são enviados a uma escola como agentes infiltrados para desvendar um esquema de tráfico de drogas sintéticas. A direção é da dupla Phil Lord e Chris Miller, da animação *Tá chovendo hambúrguer*. O filme estreou nos EUA em março e surpreendeu nas bilheteria, com mais de US\$ 120 milhões de arrecadação.

BATTLESHIP – BATALHA DOS MARES (BATTLESHIP, UNIVERSAL)

11 de maio **BLO**

Com roteiro inspirado em um pasatempo popular, essa superpro-

dução de US\$ 200 milhões conta a história de uma armada militar americana que enfrenta inimigos desconhecidos em pleno oceano. A ameaça, ao que parece, vem de outro mundo. Dirigido por Peter Berg (*Hancock*), o longa tem no elenco Taylor Kitsch, Liam Neeson, Alexander Skarsgard e a cantora Rihanna, em seu *début* no cinema.

HOMENS DE PRETO 3 (MEN IN BLACK 3, SONY)

25 de maio **FRA** **BLO** **3D**

Dez anos depois de *Homens de preto 2*, os agentes vividos por Will Smith e Tommy Lee Jones voltam a caçar alienígenas disfarçados nesta terceira parte da franquia dirigida por Barry Sonnenfeld. Os dois filmes anteriores, lançados em 1997 e 2002, venderam mais de 5,2 milhões de ingressos no Brasil e arrecadaram US\$ 1 bilhão no mundo.



O espetacular Homem-Aranha



Branca de Neve e o caçador



A era do gelo 4

Neste novo filme, o primeiro em 3D, o agente J (Smith) viaja no tempo até os anos 1960, para proteger a vida do jovem K (Josh Brolin), personagem vivido nos dias atuais por Tommy Lee Jones.

BRANCA DE NEVE E O CAÇADOR (SNOW WHITE AND THE HUNTSMAN, UNIVERSAL)

1º de junho **BLO**

Releitura da conhecida fábula infantil dos irmãos Grimm, com Kristen Stewart (*A Saga Crepúsculo*) no papel-título. Como no original, Branca de Neve sofre nas mãos de sua madrasta, a cruel rainha Ravenna (Charlize Theron), que inveja sua beleza. Depois de ser expulsa do reino e perseguida por um caçador (Chris Hemsworth), a princesa prepara seu contra-ataque, com a ajuda dos sete anões. O filme faz parte de uma nova safra de adaptações de contos infantis que inclui *A garota da capa vermelha* e *Espelho, espelho meu*.

MADAGASCAR 3 – OS PROCURADOS (MADAGASCAR 3 – EUROPE’S MOST WANTED, PARAMOUNT)

7 de junho **ANI FRA BLO 3D**

Primeiro episódio em 3D da franquia de animação da DreamWorks. Desta vez, os bichos tentam voltar ao lar no zoológico de Nova York, mas acabam perambulando pela Europa, onde se juntam a um circo itinerante. A presença do leão, da

zebra, da girafa e do hipopótamo – com vozes de Ben Stiller, David Schwimmer e Frances McDormand na versão original – transforma completamente a vida da trupe. Sucesso no Brasil, a série acumulou R\$ 66 milhões nas bilheteiras e vendeu quase 10 milhões de ingressos por aqui.

PROMETHEUS (FOX)

15 de junho **BLO 3D**

Cercado de expectativa, o longa marca o retorno do diretor Ridley Scott à ficção científica, gênero que o consagrou com títulos como *Blade Runner – O caçador de androides* e *Alien, o oitavo passageiro*. A história pega emprestados elementos de *Alien* para mostrar a viagem espacial de uma equipe para investigar as origens da humanidade. A jornada até outro planeta acaba libertando forças destrutivas. Com Michael Fassbender, Charlize Theron e Noomi Rapace.

SOMBRAS DA NOITE (DARK SHADOWS, WARNER)

22 de junho **BLO**

Adaptação de uma clássica novela gótica americana que fez sucesso na TV americana entre os anos 1960 e 1970. Nas mãos de Tim Burton, a trama de horror virou uma comédia, com Johnny Depp no papel de Barnabas Collins, um vampiro do século

18 que acorda no ano de 1972. De volta a sua mansão, ele reencontra sua família desequilibrada. Com Helena Bonham Carter e Michelle Pfeiffer.

A ERA DO GELO 4 (ICE AGE: CONTINENTAL DRIFT, FOX)

29 de junho **ANI FRA BLO 3D**

A animação, a primeira da franquia sem a direção do brasileiro Carlos Saldanha, volta a apostar no carisma do esquilo Scrat. Desta vez, a obsessão da criatura por sua noz provocará um verdadeiro cataclismo continental. No meio da confusão, Manny, Sid e Diego ainda terão que enfrentar piratas determinados a impedi-los de voltar para casa. Os três primeiros capítulos renderam R\$ 137 milhões no Brasil e US\$ 383,3 milhões no mundo.

O ESPETACULAR HOMEM-ARANHA (THE AMAZING SPIDER-MAN, SONY)

6 de julho **FRA BLO HQ 3D**

Depois de três filmes, a série com o Homem-Aranha, que arrecadou quase US\$ 2,5 bilhões no mundo, volta aos primórdios do herói dos quadrinhos. Com novo protagonista (Andrew Garfield) e diretor (Marc Webb, de *500 dias com ela*), o filme explora uma faceta pouco conhecida de Peter Parker. Abandonado pelos pais e criado pelos tios Ben e May, ele luta para descobrir quem é e para lidar com sua paixão por

Gwen Stacy (Emma Stone), enquanto se aproxima perigosamente do vilão Lagarto (Rhys Ifans).

VALENTE (BRAVE, DISNEY)

20 de julho **ANI** **BLO** **3D**

O 13º longa de animação da Pixar conta a história da arqueira Merida, herdeira de um reino ameaçado. Em busca de independência, ela desafia um costume sagrado dos senhores da terra e desencadeia o caos no lugar. Para completar, ainda é amaldiçoada por um uma bruxa. Longa de estreia de Mark Andrews, o filme também é o primeiro da produtora protagonizado por uma personagem feminina.

BATMAN – O CAVALIRO DAS TREVAS RESSURGE (THE DARK KNIGHT RISES, WARNER)

27 de julho **FRA** **BLO** **HQ**

Capítulo final da trilogia sobre Batman dirigida por Christopher Nolan, cujos dois primeiros filmes faturaram US\$ 1,4 bilhão no mundo. Após oito anos da morte do promotor Harvey Dent, o Duas-Caras, a cidade de Gotham passa por um período de calmaria, mesmo com Batman fora de atividade. Entretanto, o aparecimento do vilão Bane (Tom Hardy) obri-

ga o homem-morcego a voltar. Desta vez, ele contará com a ajuda da Mulher Gato, interpretada por Anne Hathaway.

ABRAHAM LINCOLN – CAÇADOR DE VAMPIROS (ABRAHAM LINCOLN – VAMPIRE HUNTER, FOX)

3 de agosto **BLO** **3D**

Baseado no livro de Seth Grahame-Smith, o filme reinventa a história americana com ingredientes sobrenaturais. Na versão, Abraham Lincoln (Benjamin Walker), presidente dos Estados Unidos, vira um caçador de vampiros quando descobre que eles estão tentando dominar o país. O longa é produzido por Tim Burton e dirigido pelo russo Timur Bekmambetov (*O procurado*).

VINGADOR DO FUTURO (TOTAL RECALL, SONY)

3 de agosto **BLO**

Remake do filme *cult* dirigido por Paul Verhoeven em 1990, que trazia Arnold Schwarzenegger no papel principal. Desta vez, Colin Farrell é o operário de uma fábrica que resolve fazer um procedimento para implantar lembranças artificiais e passa a ter distúrbios de personalidade. Direção de Len Wiseman (*Duro de matar 4.0*). Com Kate Beckinsale e Jessica Biel.

ESTE É O MEU GAROTO (THAT'S MY BOY, SONY)

31 de agosto **BLO**

Os comediantes Adam Sandler (*Cada um tem a gêmea que merece*) e Andy Samberg (do programa *Saturday Night Live*) se unem nesta comédia sobre um pai falido obrigado a se reaproximar do filho que se deu bem na vida. O reencontro, às vésperas do casamento do rapaz, vai trazer à tona anos de negligência do pai vivido por Sandler. De Sean Anders e John Morris.

DESTAQUES DE SETEMBRO, OUTUBRO E NOVEMBRO

RESIDENT EVIL 5 (RESIDENT EVIL: RETRIBUTION, SONY)

14 de setembro **FRA** **3D**

Neste episódio da franquia baseada nos famosos jogos de horror, Alice (Milla Jovovich) luta contra a infestação de uma praga zumbi. O quinto filme da série é também o terceiro dirigido pelo produtor e roteirista Paul W. S. Anderson. Com uma bilheteria acumulada de mais de US\$ 675 milhões no mundo todo, a série é a adaptação de games mais rentável do cinema.

HOTEL TRANSILVÂNIA (HOTEL TRANSYLVANIA, SONY)

5 de outubro **ANI** **3D**

Um tributo aos personagens clássicos do terror, o filme marca a estreia na direção de longas-metragens de Genndy Tartakovsky, reconhecido por suas animações de sucesso para a televisão americana. Um jovem viajante descobre, em plena Transilvânia, um hotel de luxo povoado por diversos monstros e administrado pelo próprio Drácula. Ele acaba se apaixonando pela filha adolescente do vampiro. Com



Valente



Batman - O cavaleiro das trevas ressurgue

as vozes de Adam Sandler, Selena Gomez e Andy Samberg.

007 – OPERAÇÃO SKYFALL (SKYFALL, SONY)

2 de novembro **FRA** **BLO**

Dirigido por Sam Mendes (*Beleza americana*), o novo episódio da série 007 traz mais uma vez o ator Daniel Craig no papel do agente James Bond. Desta vez, o espião terá que lidar com os segredos do passado de sua chefe, M, interpretada novamente por Judi Dench, e proteger o MI6 do ataque de um vilão misterioso, interpretado por Javier Bardem. O 26º episódio da franquia é o primeiro a ser lançado com cópias IMAX. O lançamento no Brasil será uma semana antes do lançamento mundial

FRANKENWEENIE (DISNEY)

2 de novembro **ANI** **3D**

Depois de *A noiva cadáver*, Tim Burton retorna à animação *stop motion* para contar como o jovem Victor, ao perder o seu cachorro de estimação, tenta ressuscitar o animal, nos moldes do Dr. Frankenstein. O longa é

uma refilmagem expandida de um curta-metragem do próprio diretor, de 1984. Com as vozes de Winnona Ryder, Christopher Lee, Martin Landau e Martin Short. Em preto e branco.

A SAGA CREPÚSCULO: AMANHECER – O FINAL (THE TWILIGHT SAGA: BREAKING DAWN – THE FINAL, PARIS)

16 de novembro **FRA** **BLO**

Quinto e último capítulo da Saga *Crepúsculo*, adaptação dos *best-sellers* de Stephanie Meyer. Ao todo, a franquia já arrecadou mais de US\$ 2,5 bilhões ao redor do mundo. Assinada pelo diretor Bill Condon (*Dreamgirls - Em busca de um sonho*), a parte final corresponde ao quarto livro da saga, desmembrado em dois filmes. O orçamento, de US\$ 131,5 milhões, é o maior dos cinco longas. Na trama, o casal Bella e Edward Cullen, após o nascimento de sua filha Renesmee, busca reunir outros clãs de vampiros para defender o bebê da ameaça dos Volturi.



>> OUTROS DESTAQUES

Piratas pirados! (The Pirates! Band of Misfits, Sony, 11 de maio) - Animação em *stop-motion* do mesmo diretor de *A fuga das galinhas*. Com vozes de Hugh Grant e Salma Hayek.

Para Roma com amor (To Rome, with Love, Paris, 29 de junho) - Novo filme de Woody Allen, passado na Itália. Com Ellen Page, Woody Allen, Roberto Benigni e Penélope Cruz.

O ditador (The Dictator, Paramount, 13 de julho) - Depois de *Borat* e *Bruno*, a nova comédia estrelada por Sacha Baron Cohen traz o ator como um ditador do Oriente Médio em viagem aos Estados Unidos.

360 (Paris, 18 de maio) - O drama dirigido por Fernando Meirelles é uma coprodução brasileira com Reino Unido, Áustria e França. Com Rachel Weisz, Jude Law e Anthony Hopkins.

Rock of Ages – O filme (Rock of Ages, Warner, 17 de agosto) - Saga de uma garota do interior em busca do sonho hollywoodiano. Adaptação do musical da Broadway de mesmo nome. Com Tom Cruise.

G.I. Joe 2 – Retaliação (G.I. Joe 2 – Retaliation, Paramount, 17 de agosto) - Continuação de *G.I. Joe - A origem de Cobra*, inspirado na clássica linha de brinquedos Comandos em Ação.

O legado Bourne (The Bourne Legacy, Universal, 24 de agosto) - Novo filme inspirado no universo da trilogia Bourne, de Robert Ludlum. Com Jeremy Renner e Rachel Weisz.

Os mercenários 2 (The Expendables 2, Imagem, 31 de agosto) - Depois do assassinato de um companheiro em uma missão, os mercenários estão de volta em busca de vingança. Com Sylvester Stallone, Bruce Willis e Arnold Schwarzenegger.

ParaNorman (Universal, 7 de setembro) - Animação em 3D de Chris Butler e Sam Fell, sobre um garoto incompreendido que consegue falar com os mortos.

DESTAQUES NACIONAIS

PARÁISOS ARTIFICIAIS (NOSSA/RIOFILME)

4 de maio

Primeiro longa-metragem de ficção de Marcos Prado (*Estamira*), sócio de José Padilha na Zazen Filmes e coprodutor de *Tropa de elite 1 e 2*, o filme tem como pano de fundo o universo das raves de música eletrônica e das drogas sintéticas. O elenco traz um time de jovens atores, capitaneado por Nathalia Dill, Luca Bianchi e Livia de Bueno.

LUZ NAS TREVAS — A VOLTA DO BANDIDO DA LUZ VERMELHA (MERCÚRIO PRODUÇÕES/KINESOM FILMES)

11 de maio

Continuação de *O bandido da luz vermelha*, marco do cinema marginal dirigido por Rogério Sganzerla. Na nova versão, a direção é da viúva do cineasta, Helena Ignez (com Ícaro Martins), e uma das protagonistas é a filha de Sganzerla, Djin. Com Ney Matogrosso, Maria Luisa Mendonça e Simone Spoladore.

NA ESTRADA (PLAYARTE)

15 de junho

Com direção de Walter Salles, essa esperada adaptação da obra homônima de Jack Kerouac, clássico da literatura *beat*, é uma coprodução oficial com o Brasil. No elenco, além dos astros internacionais Garrett Hedlund, Sam Riley, Kristen Stewart e Amy Adams, está a atriz brasileira Alice Braga. O filme terá sua estreia mundial na competição do Festival de Cannes.

E AÍ... COMEU? (DOWNTOWN/PARIS/RIOFILME)

22 de junho

A comédia repete a dobradinha de sucesso de *Cilada.com*: Augusto Casé na produção e Bruno Mazzeo

À beira do caminho

fotos de divulgação

num dos papéis principais. Dirigido por Felipe Jofilly (*Muita calma nessa hora*) e baseado em uma peça de Marcelo Rubens Paiva, o filme traz Bruno ao lado de Marcos Palmeira e Emílio Orciollo Netto. Eles são três amigos de infância: o recém-separado Fernando, o jornalista casado Honório, e o escritor conquistador Afonsinho. Depois da separação de Fernando, eles tentam entender o papel do homem no mundo atual.

TAINÁ — A ORIGEM (DOWNTOWN/SONY/RIOFILME)

10 de agosto

As aventuras da indiazinha protetora da natureza chegam ao terceiro capítulo. Desta vez, a órfã Tainá é resgatada de um ataque na floresta pelo pajé Tigé. Ao lado de Laurinha, uma menina da cidade, e do esperto índio Gobí, ela tenta livrar a natureza dos malfeitores. E, no caminho, descobrir o mistério de sua origem. O longa é dirigido por Rosane Svartman e tem no elenco Wiranu Tembé, Guilherme Berenguer e Nuno Leal Maia.

À BEIRA DO CAMINHO (FOX)

10 de agosto

A história de um caminhoneiro que dá carona a um garoto à procura de seu pai é embalada por canções de Roberto Carlos. Novo longa-metragem de Breno Silveira, diretor do sucesso *Dois filhos de Francisco*. Com João Miguel e Dira Paes.



CORAÇÕES SUJOS (DOWNTOWN)

17 de agosto

Adaptado do romance homônimo de Fernando Morais, o filme de Vicente Amorim (*Um homem bom*) se passa no interior de São Paulo logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando integrantes da colônia japonesa se recusavam a admitir a derrota do Japão.

DESTAQUES DE SETEMBRO, OUTUBRO E NOVEMBRO

TOTALMENTE INOCENTES (DOWNTOWN/PARIS/RIOFILME)

7 de setembro

O longa de estreia do cineasta Rodrigo Bittencout é uma sátira ao gênero “favela movie”. Na produção, pela primeira vez juntas, Mariza Leão (*De pernas pro ar*) e Iafa Britz (*Se eu fosse você 2*).

ATÉ QUE A SORTE NOS SEPRE (DOWNTOWN/PARIS/RIOFILME)

5 de outubro

A nova comédia de Roberto Santucci (*De pernas pro ar*) é uma adaptação livre do *best-seller* de Gustavo Cerbasi *Casais inteligentes enriquecem juntos*, estrelada por Leandro Hassum e Danielle Winits.

SOMOS TÃO JOVENS (IMAGEM)

11 de outubro

Thiago Mendonça interpreta Renato Russo neste longa-metragem que recria os primeiros anos de carreira do

cantor e compositor, até a formação do lendário grupo Legião Urbana. Direção de Antonio Carlos da Fontoura.

OS PENETRAS (WARNER)

12 de outubro

Mais uma comédia que aposta nos talentos da nova geração. Marcelo Adnet e Eduardo Sterblitch (o Cesar Polvilho do programa *Pânico na TV*) vivem uma dupla de amigos farristas que arma mil esquemas para embarcar numa maratona de festas no réveillon carioca. A direção é de Andrucha Waddington (*Eu, tu, eles; Casa de areia*).

GONZAGA DE PAI PARA FILHO (DOWNTOWN/PARIS)

26 de outubro

O filme narra a conturbada relação entre Luiz Gonzaga e seu filho, Gonzaguinha, ícones da música brasileira. Com direção de Breno Silveira, o mesmo de *Dois filhos de Francisco e À beira do caminho*.

VAI QUE DÁ CERTO (IMAGEM)

2 de novembro

Cinco amigos de adolescência se re-encontram. Frustrados por não terem conseguido o sucesso almejado, resolvem assaltar uma transportadora de valores. Com Lucio Mauro Filho, Danton Mello, Bruno Mazzeo e Fabio Porchat. Direção de Maurício Farias.



PINGUE PONGUE COM BRUNO MAZZEO

Em pouco mais de dois anos de presença nas telas de cinema, Bruno Mazzeo já virou carimbo de sucesso. Muito dessa fama se deve ao sucesso de *Cilada.com*, adaptação do seriado de TV que criou e protagonizou no Multishow, que levou três milhões de pessoas ao cinema. O que se seguiu foi um turbilhão de projetos. O próximo a chegar às telas é a comédia *E aí, comeu?*, uma das esperanças de bilheteria nacional para 2012. É mais uma parceria de Mazzeo com Augusto Casé, que rendeu série e filme de *Cilada* e voltará com *Os caras de pau*, produzido pela dupla e inspirado no programa de TV homônimo. Com Joffily, ele desenvolve *Muita calma nessa hora 2*, continuação de sua estreia nas telonas, de 2010.

Qual a importância das comédias neste momento do cinema brasileiro?

Nosso cinema vive de muitos altos e baixos, ainda não conseguimos construir uma indústria. Precisamos de filmes que gerem identificação. E, mais que isso, de uma constante de bons filmes, de vários perfis. Cada filme tem seu objetivo. Às vezes, ele cumpre esse objetivo e às vezes o ultrapassa, como no caso de *O palhaço*. Não quero fazer apenas comédias escrachadas. O próprio *E aí, comeu?*, apesar de ser ultrapopular, não tem a obrigação da piada o tempo todo, tem momentos em que você chora. Também estou conversando com a (cineasta e produtora) Monique Gardenberg para mostrar um lado novo meu no cinema.

Como foi a transição de *Cilada* da TV para o cinema?

Eu já tinha essa ambição, mas não era nada concreto. Sempre que concebo um projeto penso além, em fazer render. O seriado foi muito precursor porque não havia produção nacional de dramaturgia no formato na TV paga na época. Como as coisas na televisão são feitas para serem descartáveis, a adaptação foi difícil.



Seu objetivo foi recuperar o filme de férias brasileiro?

Sim, nossa referência era *Menino do Rio*. Sentimos que a hora era aquela. Mas houve relutância do mercado. O grande lance do cinema nacional é o exibidor acreditar que pode abrir duas salas com aquele filme, porque se for bom pode enfrentar o *blockbuster* estrangeiro e dar resultado. Estamos tentando fazer coisa parecida com *Os caras de pau*, que tenta recuperar o filme de comédia infantil na escola dos Trapalhões. É assim que se constrói a identidade do cinema de um país.

O sucesso de *Cilada.com* foi um peso sobre seus projetos seguintes?

Foi, mas eu tratei de afastar essa responsabilidade. O risco, na arte, é o que interessa. A gente nunca sabe exatamente o que vai dar certo ou não. Procuo ter orgulho do que faço, sem me importar se é destinado a um público de três milhões ou não. Como venho de programas populares de TV como *A diarista* e *A escolinha do Professor Raimundo*, confio no meu conhecimento para falar com esse público. Mas não quero ser um eterno protagonista, tanto que *E aí, comeu?* não é centrado no meu personagem.

Como será a continuação de *Cilada.com*?

Será algo com um clima *on the road*, de férias, com o mesmo personagem em novas situações absurdas.

Cinema nacional em todos os gêneros
e na sua melhor qualidade.

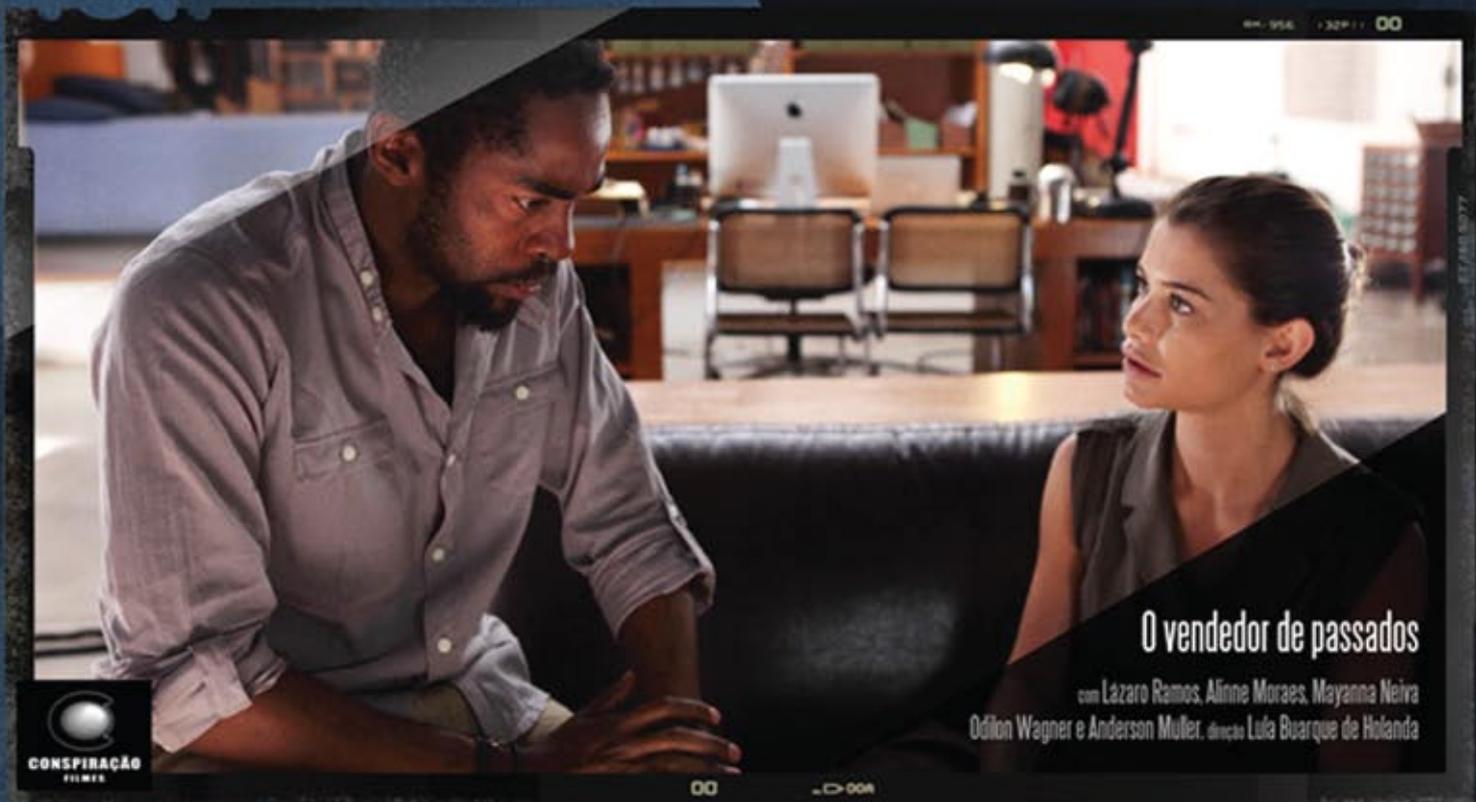


00 32P 00

Somos tão jovens
com Thiago Mendonça, Laila Zaid, Sandra Corveloni,
Marcos Breda, Bianca Comparato, Olivia Torres, Bruno Torres,
Daniel Passi e Conrado Godoy, direção Antonio Carlos da Fontoura

20 ANOS
CANO
CLARO
PRODUÇÕES ARRENDAS

00 -D-00A



00 32P 00

O vendedor de passados
com Lázaro Ramos, Alinne Moraes, Mayanna Neira,
Odilon Wagner e Anderson Muller, direção Lula Buarque de Holanda

CONSPIRAÇÃO
FILMES

00 -D-00A



Tropicalia

dirigida por Marcelo Machado
roteiro por Marcelo Machado e Di Moretti

bossa
nova
films

00

00



Vai que dá certo

com Bruno Mazzeo, Lucio Mauro Filho,
Danton Mello, Felipe Abib, Gregório Duvivier,
Natalia Lage e Fabio Porchat. direção Mauricio Faria

FRAIHA

00

00

TELE
CINE
PRODUCTIONS

Imagem
Filmes

O INTERIOR NA VANGUARDA

Fotos de Paula Kossatz

Marcos Araújo à frente da tela de 270 metros quadrados do complexo de Guadalupe, uma das maiores do Brasil

Na terceira geração da Cinematográfica Araújo, que tem sede no interior de São Paulo, Marcos Araújo firma a abrangência nacional de sua rede de cinemas e consolida sua posição entre os maiores exibidores nacionais, com uma aposta no pioneirismo em tecnologia de imagem e som e o investimento em salas do interior.

Por Gustavo Leitão e Paulo Sérgio Almeida

O gigantismo do Jardim Guadalupe Shopping, endereço do mais recente multiplex de Marcos Araújo no Rio de Janeiro, é um símbolo da visão de negócio da Cinematográfica Araújo, empresa fundada por seu avô em 1926. Com 40 mil metros quadrados, o centro comercial abriu em novembro de 2011, bem longe da badalada Zona Sul carioca, equipado com cinco salas da rede exibidora. A abertura do cinema, que está entre os melhores e mais modernos do país, mostra o compasso de expansão da empresa, uma das que mais crescem no mercado exibidor brasileiro. Entre as nacionais, seu desempenho nas bilheterias hoje só perde para o Grupo Severiano Ribeiro.

Posando para as fotos desta reportagem, com orgulho, nas instalações do novo complexo, Marcos Araújo falou sobre a guinada da empresa. Entre janeiro e dezembro, ela levou 8,5 milhões de pessoas aos cinemas e arrecadou R\$ 79,5 milhões, números que a posicionam entre os cinco maiores exibidores do país. Os números crescentes refletem uma expansão agressiva: também em 2011, a Cinematográfica Araújo foi a quarta exibidora que mais abriu salas no país (e a segunda brasileira, atrás da Espaço de Cinema). Embora venha sendo escrita há décadas, essa história teve seus capítulos definitivos redigidos há pouco mais de dez anos. “Em 1996, eu era o nono entre os nacionais, com algo entre 700 mil e 800 mil espectadores”, lembra o sócio-proprietário, a terceira geração da empresa iniciada por seu avô, Azor.



Araújo no saguão de seu mais novo cinema: R\$ 7 milhões investidos

A explosão da Araújo é um caso curioso na trajetória da exibição nacional. Fundada em Botucatu (SP), a exibidora construiu sua rede nas bordas das grandes capitais, com altos investimentos em tecnologia. Além do interior de São Paulo, ela cresceu em estados como Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, favorecida pelo *boom* dos *shoppings* fora dos grandes centros e o aumento da renda da classe C.

CONCORRÊNCIA COMO ESTÍMULO

Com o tempo, o grupo firmou sua abrangência nacional, chegou ao Acre e ao Rio, num percurso que mistura planejamento estratégico e circunstância. “Sempre pretendi estar presente nas capitais, o que faltou foi oportunidade. Quando um novo *shopping* abria numa capital, a exploração dos cinemas era oferecida a cadeias maiores. Eu era a terceira ou quarta opção”, afirma Marcos Araújo.

A chegada das cadeias estrangeiras representou um grande desafio para o crescimento da empresa. Mas se para outros grupos a concorrência acabou levando à extinção, para Araújo serviu como estímulo: “Com a chegada do modelo multiplex, acabou a exclusividade do mercado. A partir daí, se você colocasse cinco salas juntas em qualquer lugar do Brasil, teria fornecimento de filmes”. Antes do multiplex, as distribuidoras costumavam lançar seus títulos com exclusividade em circuitos determinados. “A concorrência abriu o leque para qualquer um entrar no negócio. No meu caso particular, a entrada da Cinemark não me prejudicou, abriu portas”, ressalta, lembrando que nessa época também se rompeu o modelo dos 60% de repasse de bilheteria para as distribuidoras.

A localização de suas salas, em regiões de menor concorrência e poucas opções de lazer, também favoreceu o crescimento. “No interior,

as novidades tecnológicas causam mais deslumbramento, são fáceis de vender. E você concorre com menos opções de diversão”, defende.

Em 1999, a rede abriu seu primeiro multiplex, em Sorocaba (SP). E com ele começava a ser construído o novo padrão das salas da rede, com foco no conforto e na vanguarda tecnológica. Freqüentador assíduo de feiras de cinema ao redor do mundo, como o CinemaCon (antigo ShoWest) e o ShowEast, nos Estados Unidos, e a CinemaExpo, em Amsterdã, Araújo não hesita em abraçar novidades. Em 2008, a empresa foi pioneira ao apostar alto no 3D. Para o lançamento de *Viagem ao centro da Terra*, equipou cinco salas com a tecnologia, simultaneamente, em Londrina, Bauru, São José do Rio Preto, Taboão da Serra e Mauá.

“Meu pai sempre teve essa intenção de trazer coisas novas e investir em arquitetura bem feita. Tivemos Cinerama, 70mm...”, afirma, sobre

o veterano Gilberto Araújo, ainda em atuação como sócio e programador da empresa. “Sou muito mais conservador do que meu pai em vários aspectos. Ele fica em casa e eu viajo, sou os olhos e ouvidos dele”. No último prêmio ED, Gil, como é conhecido no mercado, recebeu o Troféu Francisco Campos, em homenagem à sua trajetória, e, em seu breve discurso, dedicou o prêmio ao filho.

3D COM DOIS PROJETORES

O modelo de complexo dos Araújo fixou-se nas cinco salas (“mais do que isso, periga ficar deficitário”, afirma), sempre no formato *stadium*, que permite a instalação de telas maiores. Na ponta desse conceito, o cinema de Guadalupe, que custou R\$ 7 milhões, tem como meninas dos olhos duas salas digitais equipadas com supertelas de 270 metros quadrados - batizadas de Max Screen Digital, padrão próximo das salas IMAX instaladas no Brasil -, cada uma com dois projetores 3D, para fornecer a luminosidade

de necessária e não causar qualquer desconforto no espectador.

O sistema de som imersivo, importado da Espanha e exclusivo da exibidora por aqui, é outro caso de pioneirismo. Chamado de IMM Sound, o aparato conta com 64 caixas distribuídas pelas paredes, atrás da tela e até no teto (apelidadas de “voz de Deus”). Além disso, em todas as salas há duas fileiras com sofás confortáveis, com ingressos vendidos ao mesmo preço que as poltronas normais.

Tanto investimento em expansão e melhorias, ultimamente, tem esbarrado numa outra fonte de gastos que preocupa o mercado exibidor: a transição digital. A postura de Araújo, por enquanto, é de cautela. Ele conta que encomendou um estudo financeiro, botou custos fixos na ponta do lápis e decidiu migrar aos poucos. “Um projetor digital representa um grande custo adicional por ano, contando a reposição de lâmpada, visita do técnico e o próprio aparelho, que tem uma vida útil de oito anos. Não tenho esse dinheiro agora”, diz o exibidor, que está investindo na abertura de novos complexos em Campinas, ainda este ano, e Sorocaba, em 2013.

De suas 111 telas, pouco mais de 30% (37 salas) hoje são digitais. Nos seus cinemas novos, entretanto, mais da metade das salas tem sido instalada com projetores com a tecnologia. “Eu não enxergo o fim da película em 2014, como estão prevendo. Não no Brasil”, afirma. Araújo ainda vê de maneira con-



Cláudio Bonesso

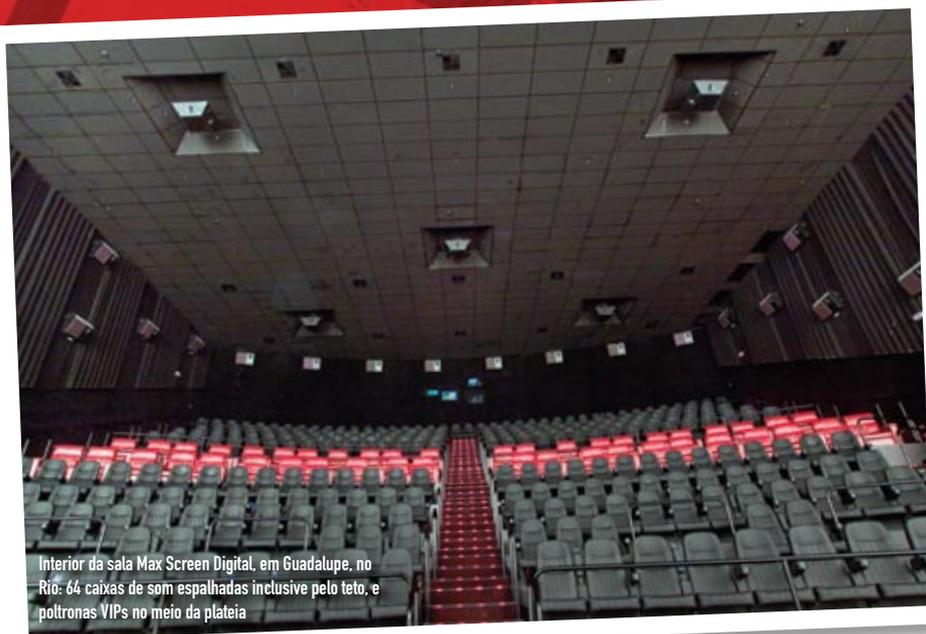
Gilberto e Marcos Araújo: homenagem no prêmio ED

servadora a VPF (*virtual print fee*, modelo de financiamento para a substituição dos projetores) e a promessa de dividendos futuros do digital: “A VPF vai pagar a primeira leva, mas o cinema vai ficar com um peso tecnológico e financeiro muito altos. De um lado, temos hoje um custo real. Do outro, uma promessa de que vamos ganhar mais com conteúdos alternativos. Para o cara que está lá vendo o filme, você não consegue vender a ideia do digital, ele não sabe o que é, nem valoriza. O que agrega são novidades como o 3D e o som espacial”.

APOSTA NA DUBLAGEM

Outra crença firme de Marcos Araújo é na dublagem como forma de ampliar o público. “O crescimento recente do cinema se deve principalmente ao ganho de renda da classe C, que não gosta de filme legendado. É uma tendência enorme, principalmente em cinemas periféricos, feitos para o povão”, diz.

A teoria pode ser comprovada na prática na sua rede: quando um filme entra em cartaz com cópias legendadas e dubladas, as segundas alcançam uma renda 80% maior. Outra é que os filmes brasileiros, hoje, fazem a diferença. “Os países em que o cinema vai melhor são aqueles onde o cinema local é forte. Quando você percebe que a renda de um mercado subiu, pode conferir: tem um ou mais filmes locais que ficaram acima da média. Se você só tem os produtos de Hollywood na mão, não tem nenhum coringa”, declara. ■



Interior da sala Max Screen Digital, em Guadalupe, no Rio: 64 caixas de som espalhadas inclusive pelo teto, e poltronas VIPs no meio da plateia

CINEMATOGRAFICA ARAÚJO

	cinema	cidade	estado	nº salas
1	Multiplex Pantanal Shopping	Cuiabá	MT	8
2	Catuai	Londrina	PR	7
3	Rio Preto Shopping	S.J.Rio Preto	SP	7
4	Multiplex Caxias Shopping	Duque de Caxias	RJ	6
5	Multiplex Bauru	Bauru	SP	5
6	Multiplex Campos dos Goytacazes	Campos dos Goytacazes	RJ	5
7	Avenida Center	Maringá	PR	5
8	Maringá Catuai	Maringá	PR	5
9	Multiplex Mauá	Mauá	SP	5
10	Shopping Piracicaba	Piracicaba	SP	5
11	Multiplex Porto Velho	Porto Velho	RO	5
12	Multiplex Jardim Guadalupe	Rio de Janeiro	RJ	5
13	Multiplex Campo Limpo	São Paulo	SP	5
14	Esplanada	Sorocaba	SP	5
15	Multiplex Taboão	Taboão da Serra	SP	5
16	Multiplex Paladium	Ponta Grossa	PR	4
17	Araçatuba	Araçatuba	SP	3
18	Avenida Center	Dourados	MS	3
19	Itu Plaza	Itu	SP	3
20	Iguatemi	São Carlos	SP	3
21	Campo Grande	Campo Grande	MS	2
22	Cine Nelli	Botucatu	SP	1
23	Multiplex Vila Verde	Rio Branco	AC	4
24	Multiplex Shopping Mestre Álvaro	Serra	ES	5
	Total			111

Fonte: Filme B Box Office

WARNER BROS. PICTURES APRESENTA:



**UM SHOW DE LANÇAMENTOS
QUE VAI FAZER O PÚBLICO PEDIR BIS.**

**SOMBRAS
DA NOITE**

ESTREIA 22 DE JUNHO

**BATMAN
O CAVALheiro DAS TREVAS RESSURGE**

ESTREIA 27 DE JULHO





O FILME

OS
PENETRAS

ESTREIA EM OUTUBRO

HÖBBIT
UMA JORNADA INESPERADA

ESTREIA 14 DE DEZEMBRO

ESTREIA 17 DE AGOSTO

 [FACEBOOK.COM/WARNERBROSPICTURESBRASIL](https://www.facebook.com/warnerbrosicturesbrasil)

 @WBPICTURES_BR

WWW.WARNERBROS.COM.BR

PRECISAMOS MUDAR PARA PODER CRESCER

por Patricia Kamitsuji

diretora presidente da Fox Film do Brasil

Atualmente, o Brasil reluz no cenário global como jamais vimos. Muito se fala da economia, do potencial e de nossas reservas naturais, e é fato que também no mundo do cinema o país está na moda. Astros internacionais querem vir divulgar seus filmes, e estamos chegando ao topo do *ranking* da bilheteria mundial. Conhecíamos essas posições somente em esportes como futebol, Fórmula 1 e vôlei.

Nos últimos anos, o mercado de cinema registrou crescimento real. Deveríamos estar orgulhosos e otimistas, mas há muitas questões que devemos analisar com mais atenção para agirmos, continuarmos a crescer e atendermos ao potencial existente.

O Brasil tem 2.346 salas distribuídas por 679 cinemas, o que resulta em uma média de apenas 3,4 salas por cinema – menos da metade da média do México, que é de 8,2 salas por cinema. A média de

salas por complexo não é apenas um número como tantos outros; ela revela a real condição da indústria cinematográfica de um país em relação aos seguintes aspectos:

■ **Modernização do parque exibidor:** geralmente, quanto menor a média de salas por cinema, menos modernizado é o circuito, há menos multiplex e mais salas únicas ou duplas;

■ **Capacidade de atração de público:** quanto menos salas, menos filmes em cartaz. Mesmo que o cinema tenha uma localização espetacular, não há como ofertar grande quantidade de filmes e gêneros para estimular a frequência, e os espectadores acabam assistindo a menos filmes do que poderiam ou gostariam;

■ **Estrangulamento para lançamento de filmes:** os cinemas não conseguem exibir filmes que consideram adequados para o público frequentador, por não terem mais salas disponíveis. Os distribuidores lançam filmes

com menor quantidade de salas e, conseqüentemente, menor oferta de lugares, impedindo a adequação do investimento à capacidade de geração de bilheteria. Este fato é observado quando analisamos os resultados de filmes lançados com grande escopo no Brasil e que atingem números que nos posicionam entre os três melhores mercados internacionais, o que normalmente não ocorre com filmes de médio escopo;

■ **Diminuição do potencial de geração de bilheteria:** ao exibir menos filmes, os cinemas deixam de vender ingressos para espectadores que já frequentam as salas e que poderiam assistir a mais títulos. Se cada cinema no Brasil tivesse uma sala a mais e ofertasse de 15 a 18 filmes a mais por ano, com 700 pessoas por semana poderíamos vender pelo menos mais 25 milhões de ingressos por ano.

Claro que apenas isso não garantiria a venda de ingressos, pois temos

que trabalhar simultaneamente duas frentes: a capilaridade/acessibilidade geográfica, com a ampliação de cidades e bairros com cinemas, proporcionando a conquista de novos espectadores; e o aumento da frequência de quem já vai ao cinema, por meio da diversidade de programação, possível apenas com maior número de salas por cinema.

O fato de as salas estarem situadas majoritariamente em *shopping centers* muitas vezes cria para os exibidores uma forte dependência do crescimento desses centros comerciais, além de encarecer a operação. A maioria dos *shoppings* destina uma área menor que a ideal para a construção dos cinemas, quando deveria ser exatamente o contrário, já que os cinemas funcionam como âncoras permanentes, atraindo grande parte do público nas épocas fora dos períodos de pico comercial como Natal e Dia das Mães.

Um cinema com mais salas sempre pode oferecer mais opções de programação e tecnologia, e assim atrair mais pessoas aos centros comerciais. Em São Paulo, o Espaço Unibanco Pompeia, que até pouco tempo era o único da cidade a ter sala IMAX (nos primeiros meses de 2012, outras duas salas foram inauguradas), atrai consumidores além da área de influência do *shopping center*; assim como o Dom Bosco, em Curitiba, e o New York City Center, no Rio de Janeiro. Os cinemas

que oferecem salas *premium* ou VIPs também levam público adicional aos *shopping centers*. Ter salas 3D tornou-se imprescindível para os cinemas e ofertar filmes de diversos gêneros só é possível em complexos com pelo menos oito salas.

A média anual brasileira de 60 mil espectadores por sala é quase 50% acima da média de público das salas mexicanas, de 41 mil. Há cidades no Brasil que apresentam mais de 100 mil espectadores por sala, um número que ressalta a carência de salas por cinema. Se essas cidades contassem com o dobro do número de telas, ainda estariam na média brasileira e poderiam exibir pelo menos o dobro de filmes, levando mais pessoas e também alcançando maior frequência por espectador. Mais de 30% dos municípios brasileiros estão acima da média mexicana anual.

Faltam salas nos melhores cinemas do Brasil e faltam cinemas em muitas cidades e bairros. Apenas metade da população brasileira – ou seja, quase 100 milhões de pessoas – tem acesso aos cinemas, localizados em cerca de 400 dos nossos 5.565 municípios. Menos de 7% dos municípios brasileiros têm acesso a uma sala de cinema.

Se cada cinema no Brasil tivesse uma sala a mais, poderíamos vender mais 25 milhões de ingressos por ano

Há cidades que têm média de mais de 100 mil espectadores por sala, o que revela a carência de salas por cinema

Cada setor tem que cumprir seu papel para que o Brasil possa se desenvolver de forma a tornar realidade todo o potencial existente, ou continuaremos a crescer de forma lenta e limitada. Sempre nos referimos aos setores de produção, distribuição e exibição como os protagonistas da indústria – o que de fato são – mas não podemos colocar a responsabilidade de crescimento apenas nestes três setores.

Mesmo com produção forte e distribuição adequada, se não houver salas disponíveis para lançamento não haverá oferta suficiente e, conseqüentemente, os resultados serão aquém do possível. Se houver salas e não houver

produto, não haverá público. Até aqui, nenhuma novidade.

O mais importante na situação em que nos encontramos em 2012 é sabermos para

onde temos que ir. Pesquisar, planejar e investir são as palavras de ordem para que as ideias se concretizem. Precisamos que outros setores além dos três tradicionais se conscientizem da importância que o cinema tem para seus negócios – os *shopping centers*, aumentando a disponibilidade de salas, e o governo, ampliando mecanismos de fomento, incentivo e desoneração tributária para que o Brasil tenha capacidade de oferecer cinema a mais cidadãos. Afinal, essa ainda é uma das formas mais democráticas e populares de cultura. ■

MUNICÍPIOS COM MAIOR MÉDIA DE PÚBLICO POR SALA

2011						
	município	UF	cinemas	salas	público	média público p/sala
1	NOVA IGUAÇU	RJ	1	3	459.730	153.243
2	SÃO JOÃO DE MERITI	RJ	1	6	825.435	137.573
3	PIRACICABA	SP	1	5	667.642	133.528
4	NITERÓI	RJ	2	11	1.438.717	130.792
5	TABOÃO DA SERRA	SP	1	5	595.667	119.133
6	MAUÁ	SP	1	5	584.973	116.995
7	FEIRA DE SANTANA	BA	1	4	465.233	116.308
8	JUNDIAÍ	SP	1	7	761.162	108.737
9	UBERLÂNDIA	MG	1	8	851.420	106.428
10	SÃO VICENTE	SP	1	6	624.109	104.018
11	NATAL	RN	2	14	1.342.639	95.903
12	RECIFE	PE	9	36	3.365.042	93.473
13	BETIM	MG	1	3	275.450	91.817
14	BELÉM	PA	4	20	1.779.222	88.961
15	VILA VELHA	ES	1	7	618.377	88.340
16	CANOAS	RS	1	7	618.144	88.306
17	SALVADOR	BA	13	57	4.995.168	87.635
18	CUIABÁ	MT	2	16	1.396.954	87.310
19	BAURU	SP	2	9	777.087	86.343
20	ITU	SP	1	3	254.623	84.874
21	PORTO VELHO	RO	3	7	593.474	84.782
22	BRASÍLIA *	DF	11	63	5.276.936	83.761
23	ARACAJU	SE	2	14	1.171.108	83.651
24	TAUBATÉ	SP	1	4	332.615	83.154
25	SANTO ANDRÉ	SP	2	15	1.221.808	81.454
26	RIO DE JANEIRO	RJ	41	185	14.987.171	81.012
27	SANTA BÁRBARA DO OESTE	SP	1	4	323.684	80.921
28	MANAUS	AM	5	40	3.207.909	80.198
29	ARAÇATUBA	SP	1	3	238.766	79.589
30	CONTAGEM	MG	2	11	875.030	79.548

MÉDIA DE PÚBLICO POR SALA DO BRASIL EM 2011: 60.432

Obs. Esta tabela considerou apenas os municípios com mais de 100 mil habitantes

* Segundo o IBGE, Brasília é o único município do DF, e inclui a população das cidades-satélite de Taguatinga, Gama e Sobradinho. Portanto incluímos os números/cinemas dessas localidades nos totais acima.

Fonte: Filme B Box Office

O ranking de municípios com maior média de público por sala do Brasil, realizado a partir de relatório inédito do Box Office Filme B, nos mostra uma realidade até então pouco conhecida do mercado brasileiro, fundamental na prospecção de exibidores em busca das melhores posições para a abertura de novas salas. O ranking é bastante revelador do perfil das cidades que apresentam suboferta de cinemas: em geral estão nas periferias dos grandes centros urbanos ou no interior, com grande concentração populacional e poucas salas.

Todos os municípios apresentam médias expressivas, próximas ou superiores a 80 mil espectadores por sala, bem acima da média geral do Brasil (60 mil), sendo que os dez primeiros têm médias altíssimas, que superam 100 mil espectadores por sala.

Duas cidades da periferia do Estado do Rio, Nova Iguaçu e São João do Meriti, se destacam nas primeiras posições. Nova Iguaçu tem quase 800 mil habitantes e apenas um cinema com três salas; São João do Meriti tem 460 mil habitantes e também só um cinema, com seis salas. Ambos são do Grupo Severiano Ribeiro.

Entre os dez primeiros colocados também se destacam municípios da periferia da Grande São Paulo (Taboão da Serra) e do interior do Estado (Piracicaba, Mauá e São Vicente), além de Uberlândia, no interior de MG.

A primeira capital que aparece no ranking é Natal (RN), em 11º lugar, seguida de Recife (PE). Essas duas capitais têm grande tradição de frequência aos cinemas mas, hoje, possuem um circuito muito abaixo de suas possibilidades.

Projetando a magia

No Brasil, a Barco possui uma estrutura completa para atendimento aos exibidores com Pacote de Serviços **CineCare**, **Serviços de NOC** e **Helpdesk**, além de um **Centro de Treinamento**, com mais de 100 profissionais do mercado certificados pela Barco em 2011.

Prepare-se para uma experiência de cinema inesquecível

A experiência do "cinema do futuro" tem tudo a ver com oferecer aos espectadores a mais moderna tecnologia de cinema, que torna essa experiência mágica e inesquecível. Como uma empresa líder na indústria de tecnologia de cinema digital, a Barco é a parceira ideal para ajudar o exibidor a tornar isso uma realidade.

Desde os projetores de cinema mais brilhantes do mundo até a tecnologia de áudio tridimensional mais imersiva, apenas a Barco tem tudo para criar experiências mágicas em cada sala de cinema - da menor até a maior tela - com o menor custo de aquisição.

Sinta a magia em www.projectingthemagic.com



Projetores Barco DP2K & DP4K

- Brilho incomparável
- Design óptico altamente eficiente
- O máximo desempenho em 3D
- Menor custo total de aquisição
- Tempo de vida útil prolongado graças ao sofisticado coller DMD
- Uma combinação perfeita para cada tela

Barco Ltda.
Av. Dr. Cardoso de Melo, 1855, 8º andar, conj. 81, Vila Olímpia
04548-005 São Paulo, SP - Brasil
Tel. +55 (11) 3842 1656 - Fax +55 (11) 3045 1160
vendas@barcobrasil.com.br

BARCO

Visibly yours

INGRESSOS *PER CAPITA* DOS MUNICÍPIOS

2011				
	município	UF	salas	ingressos per capita
1	BALNEÁRIO CAMBORIÚ	SC	7	4,17
2	VITÓRIA	ES	17	3,62
3	BARUERI	SP	18	3,23
4	SANTOS	SP	22	3,18
5	CAMPINAS	SP	46	3,06
6	NITERÓI	RJ	11	2,94
7	FLORIANÓPOLIS	SC	22	2,86
8	PORTO ALEGRE	RS	66	2,78
9	GUARATINGUETÁ	SP	4	2,55
10	CUIABÁ	MT	16	2,51
11	CURITIBA	PR	70	2,49
12	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	SP	20	2,49
13	RIBEIRÃO PRETO	SP	27	2,41
14	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	SP	15	2,40
15	TABOÃO DA SERRA	SP	5	2,40
16	RIO DE JANEIRO	RJ	185	2,36
17	OSASCO	SP	21	2,27
18	BELO HORIZONTE	MG	76	2,25
19	BAURU	SP	9	2,25
20	TUBARÃO	SC	4	2,24
21	MARINGÁ	PR	18	2,20
22	RECIFE	PE	36	2,18
23	JUNDIAÍ	SP	7	2,04
24	BROTAS	SP	1	2,03
25	BRASÍLIA *	DF	63	2,02
26	ARACAJU	SE	14	2,02
27	SÃO PAULO	SP	289	1,94
28	CANOAS	RS	7	1,90
29	GOIÂNIA	GO	35	1,89
30	SÃO VICENTE	SP	6	1,86

INGRESSOS *PER CAPITA* DO BRASIL EM 2011: 0,7

Ingressos *per capita* é a divisão do número de ingressos pela população

Obs. Esta tabela considerou apenas os municípios com mais de 100 mil habitantes

* Segundo o IBGE, Brasília é o único município do DF, e inclui a população das cidades-satélite de Taguatinga, Gama e Sobradinho. Portanto incluímos os números/cinemas dessas localidades nos totais acima.

Se analisado com cuidado, o índice de ingressos *per capita* de cada município pode ser um bom indicador das cidades onde há um forte hábito de frequência aos cinemas. Parte dessas cidades já possui uma oferta significativa de cinemas e salas, mas nem sempre distribuídas pelos bairros mais populosos. Em alguns casos, é notório o espaço para a construção de novas salas; em outros, porém, já pode haver uma forte concorrência.

O caso de Balneário Camboriú, que aparece no topo do *ranking*, é bastante específico. Trata-se de um pequeno município no litoral de Santa Catarina, com apenas um complexo de sete salas. Por ser um ponto turístico, que atrai principalmente jovens, recebe muitos visitantes ao longo do ano, o que ajuda a explicar o índice de espectadores quatro vezes superior ao seu número de moradores. O município de São Vicente, no litoral de São Paulo, tem um perfil semelhante.

Todos os municípios deste *ranking* têm índice maior que o do Brasil (0,7 ingressos *per capita*), sendo que os cinco primeiros se destacam com índices superiores a três ingressos *per capita*. Além de Balneário Camboriú, são eles: Vitória, no Espírito Santo; Barueri, município de alto poder aquisitivo da região metropolitana de São Paulo; e as cidades de Santos e Campinas, também do Estado de São Paulo.

O interior de São Paulo, que nos últimos anos recebeu grandes investimentos por parte da exibição, destaca-se como um todo: são dez municípios entre os 20 primeiros, todos com índices superiores a dois ingressos *per capita*.

Fonte: Filme B Box Office/Pop: IBGE—estimativa 2010

"HOLLYWOOD TEM UMA DUPLA DINÂMICA"

Christie Solaria e Christie IMB

Perfeitamente integrados.
Perfeitamente confiáveis.



Eles foram feitos um para o outro. Literalmente. O Christie® Integrated Media Block (IMB) integra-se perfeitamente a série de projetores Christie® Solaria® para entregar, talvez, um sistema de projeção único e o mais confiável do planeta. Sem compromissos. Não precisa forçar para caber. Apenas uma solução perfeitamente projetada que é confiável e pronta para alta taxa de quadros ou 4K quando você também estiver pronto.

Veja a demonstração do Christie 3D de alta taxa de quadros no Show de Inverno – Campos Do Jordão – 5 de maio

christiedigital.com/brasil

CHRISTIE®

MÉDIA DE HABITANTES POR SALA DOS MUNICÍPIOS

2011					
	município	UF	salas	população	habit x sala
1	BARUERI	SP	18	243.242	13.513
2	BALNEÁRIO CAMBORIÚ	SC	7	110.748	15.821
3	RESENDE	RJ	7	120.938	17.277
4	COTIA	SP	11	205.154	18.650
5	SANTOS	SP	22	419.509	19.069
6	POÇOS DE CALDAS	MG	8	153.726	19.216
7	FLORIANÓPOLIS	SC	22	427.298	19.423
8	VITÓRIA	ES	17	330.526	19.443
9	MARINGÁ	PR	18	362.329	20.129
10	CARAGUATATUBA	SP	5	102.523	20.505
11	PORTO ALEGRE	RS	66	1.413.094	21.411
12	SÃO CAETANO DO SUL	SP	7	149.962	21.423
13	BENTO GONCALVES	RS	5	108.481	21.696
14	CATANDUVA	SP	5	113.356	22.671
15	RIBEIRÃO PRETO	SP	27	612.340	22.679
16	INDAIATUBA	SP	9	205.808	22.868
17	CAMPINAS	SP	46	1.090.386	23.704
18	BLUMENAU	SC	13	312.635	24.049
19	CURITIBA	PR	70	1.764.541	25.208
20	GUARAPARI	ES	4	106.583	26.646
21	MARÍLIA	SP	8	218.229	27.279
22	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	SP	15	412.076	27.472
23	ITAGUAI	RJ	4	111.171	27.793
24	GUARATINGUETÁ	SP	4	112.675	28.169
25	SOROCABA	SP	21	593.776	28.275
26	PRESIDENTE PRUDENTE	SP	7	209.025	29.861
27	ARARAQUARA	SP	7	210.673	30.096
28	BELO HORIZONTE	MG	76	2.385.640	31.390
29	OSASCO	SP	21	667.826	31.801
30	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	SP	20	636.876	31.844

MÉDIA DE HABITANTES POR SALA DO BRASIL EM 2011: 82.003

Obs. Esta tabela considerou apenas os municípios com mais de 100 mil habitantes

* Segundo o IBGE, Brasília é o único município do DF, e inclui a população das cidades-satélite de Taguatinga e Sobradinho. Portanto incluímos os números/cinemas dessas localidades nos totais acima.

O índice de habitantes por sala indica a proporção da oferta de salas de cinema em cada município em relação ao tamanho de sua população. A relação geral do Brasil é considerada uma das piores do mundo: uma sala para cada 82 mil habitantes. As 30 cidades deste *ranking* têm índices entre 13 mil habitantes por sala a 31 mil habitantes por sala – ou seja, são os municípios do país que apresentam melhor oferta, com números bem inferiores ao geral do país. É importante lembrar que a tabela considerou apenas municípios com mais de 100 mil habitantes, para evitar grandes distorções.

O que mais chama atenção nesta relação é a predominância absoluta da região Sudeste, com 23 dos 30 municípios listados (77%), e a ausência completa de municípios da região Nordeste.

Mais uma vez, o interior de São Paulo se destaca, com pouco mais da metade (16) dos 30 municípios listados. Do Estado do Rio de Janeiro, aparecem dois municípios (Resende e Itaguaí), assim como de Minas Gerais (Poços de Caldas e Belo Horizonte) e do Espírito Santo (Vitória e Guarapari).

Os dois primeiros colocados são Barueri e Balneário Camboriú, municípios de alto poder aquisitivo – o primeiro na periferia de São Paulo, com 18 salas para uma população de 240 mil habitantes, e o segundo no litoral de Santa Catarina, com sete salas para 110 mil habitantes.

Da região Sul a listagem traz sete municípios, sendo Florianópolis, em sétimo lugar, a capital com melhor relação de habitantes por sala do Brasil.

Fonte: Filme B Box Office



CINEMA EQUIPMENT + SUPPLIES

MAIOR INTEGRADOR EM IMPLANTAÇÃO TÉCNICA PARA CINEMA DIGITAL



NÓS PODEMOS AJUDÁ-LOS TECNICAMENTE A IMPLANTAR
EM SUA EMPRESA O SISTEMA VPF

Suporte com monitoramento NOC, serviços com o sistema CineVise,
suporte técnico das instalações de equipamentos de som e projeção
digital para cinema 3D, e consultoria técnica

R. da Consolação, 2825
São Paulo, 01416-001, Brazil

Brazil 55-11-39588581
Nextel 55*126*84105

sales@cinemaequip.com
www.cinemaequip.com

PREVISÃO DE ABERTURA DE SALAS (2012-2013)

GRUPO	CINEMA	SALAS	CIDADE	ESTADO	PREVISÃO
2012					
1	Cine Cultura	Cine Cultura Liberty Mall	4	Brasília	DF jan.12
2	Araújo	Shopping Mestre Álvaro	5	Serra	ES fev.12
3	Cinemark	Uberlândia Shopping	5	Uberlândia	MG mar.12
4	Cinemais	Montes Claros Shopping	5	Montes Claros	MG mar.12
5	Centerplex	Shopping Difusora	4	Caruaru	PE jul.12
6	Centerplex	Shopping Center Limeira	5	Limeira	SP set.12
7	Centerplex	Shopping Cidade Norte	3	São José do Rio Preto	SP out.12
8	Centerplex	Mogi Shopping	7	Mogi das Cruzes	SP dez.12
9	Cine Show	Cine Show Angra dos Reis	2	Angra dos Reis	RJ fev.12
10	Cine Show	Cine Show Barra do Piraí	2	Barra do Piraí	RJ mar.12
11	GNC Cinemas	Shopping Praia de Belas*	6	Porto Alegre	RS mai.12
12	Cine Show	Cine Show Três Rios	2	Três Rios	RJ out.12
13	Cine Show	Cine Show Rezende	2	Rezende	RJ nov.12
14	Cinesystem	Shopping Hortolândia	5	Hortolândia	SP jul.12
15	Cinesystem	Imperial Shopping	5	Imperatriz	MA set.12
16	Cinesystem	Londrina Norte	4	Londrina	PR set.12
17	Cinesystem	Pátio Arapiraca Garden Shopping	6	Arapiraca	AL out.12
18	Cinesystem	Boulevard Shopping	6	Vila Velha	ES nov.12
19	Cinesystem	Hipermercado Carrefour	4	São Paulo	SP out.12
20	Cinesystem	Hipermercado Carrefour	6	Santo André	SP dez.12
21	Grupo Espaço	Bourbon Shopping Wallig	8**	Porto Alegre	RS jun.12
22	Araújo	Shopping Park das Bandeiras	6	Campinas	SP out.12
23	UCI/GSR	UCI Kinoplex São Luís Shopping Ilha	8	São Luís	MA set.12
24	UCI	ParkShopping Campo Grande	7	Rio de Janeiro	RJ nov.12
25	UCI	Shopping Bosque dos Ipês	6	Campo Grande	MS nov.12
26	UCI/Orient	UCI Orient Shopping Barra	8	Salvador	BA nov.12
27	Cinemark	Shopping Village	6	Rio de Janeiro	RJ nov.12
28	Cinépolis	JK Iguatemi	8	São Paulo	SP 2012
29	Cinépolis	Continente Park Shopping	nd	São José/Florianópolis	SC 2012
30	Cinépolis	Nações Bauru	nd	Bauru	SP 2012
31	Cinépolis	Parque Barueri	nd	Barueri	SP 2012

PREVISÃO DE ABERTURA DE SALAS PARA 2012 - 2013						
GRUPO	CINEMA	SALAS	CIDADE	ESTADO	PREVISÃO	
32	Cinépolis	Ponta Negra	nd	Manaus	AM	2012
33	Cinépolis	Bela Vista	nd	Salvador	BA	2012
34	Cinépolis	Parque Shopping Belém	nd	Belém	PA	2012
35	Cinépolis	Estação BH	nd	Belo Horizonte	MG	2012
36	Cinépolis	Jundiáí Shopping	nd	Jundiáí	SP	2012
37	GSR	Shopping Rio Sul	7	Rio de Janeiro	RJ	2012
38	GSR	Madureira Shopping	5	Rio de Janeiro	RJ	2012
39	GSR	Manaus	5	Manaus	AM	2012
		Total	137			
2013						
1	Cinemark	Golden Square Shopping	6	São Bernardo do Campo	SP	abr.13
2	Centerplex	Messejana Shopping	4	Fortaleza	CE	abr.13
3	Centerplex	Shopping Vale Verde	4	Pindamonhangaba	SP	abr.13
4	Centerplex	Juá Shopping	5	Juazeiro	BA	mai.13
5	Cinesystem	Parque Shopping Maceió	6	Rio de Janeiro	RJ	set.13
6	Cinesystem	Praça Rio Grande Shopping Center	6	Rio Grande	RS	out.13
7	Cinemark	Shopping Metropolitan Barra	7	Rio de Janeiro	RJ	out.13
8	Cinépolis	Nações Limeira	nd	Limeira	SP	2013
9	Cinépolis	Center Shopping Rio	nd	Rio de Janeiro	RJ	2013
10	Cinépolis	Rio Poty	nd	Teresina	PI	2013
11	Cinépolis	Moxuara	nd	Cariacica	ES	2013
12	Cinépolis	Ipiranga Shopping	nd	São Paulo	SP	2013
13	Cinépolis	São Bernardo Plaza	nd	São Bernardo	SP	2013
14	Cinépolis	Pátio Batel	nd	Curitiba	PR	2013
15	Cinépolis	Natal Shopping	nd	Natal	RN	2013
16	GSR	Via Parque	6	Rio de Janeiro	RJ	2013

*salas novas. As três salas que o grupo possuía no mesmo shopping foram fechadas em março de 2012

** uma sala IMAX

Fonte: exibidores

O circuito exibidor do país vive um processo de expansão contínua nos últimos anos, com o número de inaugurações sempre superando o número de salas fechadas. Em 2011, foram nada menos que 189 salas inauguradas. Para 2012, segundo levantamento realizado pelo Filme B junto aos principais exibidores, o número poderá ser ainda maior. O grupo Cinépolis, por exemplo, abrirá nove complexos – e apesar de não ter divulgado o número de salas cinema a cinema (pois, em muitos casos, ainda está em negociação com os shoppings), informou que o total será de aproximadamente 80 salas. Portanto, se os cronogramas se confirmarem, como pode ser conferido nesta tabela, o circuito deverá ganhar 39 novos complexos, totalizando 209 salas.

Espaço/Z. A agência com a maior cobertura nacional. Agora, mais do que nunca.

A Espaço/Z acaba de equipar os seus 8 escritórios regionais com o mais moderno sistema de vídeo conference disponível no mercado, que inclui áudio de alta fidelidade e imagem FULL HD, entre outras tecnologias embarcadas. A partir de agora, a Espaço/Z pode se comunicar simultaneamente, ao vivo e a cores, com suas unidades localizadas nas oito principais capitais do país. E se você precisar, com qualquer parte do mundo. Para levar a sua marca ou serviço cada vez mais longe, a Espaço/Z está cada vez mais perto do seu consumidor.

ESPAÇO/Z
marketing de entretenimento

www.espacoz.com.br | [@agencia_espacoz](https://twitter.com/agencia_espacoz) | falecom@espacoz.com.br

Rio de Janeiro | São Paulo | Brasília | Porto Alegre | Salvador | Curitiba | Recife | Belo Horizonte

O maior site de venda de ingressos do Brasil

Também desenvolve a solução integrada mais utilizada nos cinemas.

ACESSE JÁ
WWW.INGRESSO.COM

Expanda as possibilidades dos seus cinemas!

Sistemas de controle e cadastramento centralizados na matriz do exibidor, terminais de auto-atendimento, controle de acesso, bomboniere, sinalização de programação e produtos.



O maior site de venda de ingressos tem mais uma novidade: já estão disponíveis os aplicativos para iPhone, Android e BlackBerry.



comercial@ingresso.com
As principais redes de cinema estão aqui.

O 3D que você sempre quis está aqui...

a **STRONG BRASIL** tem os melhores projetores digitais para suas jogadas.



TUDO PARA SEU CINEMA!

A Strong Brasil possui a solução para todos os desafios, desde sistemas de projeção completos até sistemas de tela.

Nós criamos a grande tela que anima os fãs de cinema e os mantém fiéis.

- Projetores • Sistemas de telas • Cabeça de som • Pratos • Reguladores de luzes • Automações • Mesas MakeUp • Mesas de Rebobinação • Montadores • Motores de Mascaramento • Motores de Cortinas • Alto-falantes • Amplificadores • Processadores de Áudio • Monitores • Fontes de Alimentação • Caixas de Luzes

BARDAN
INTERNATIONAL, INC.



NEC



**Técnicos treinados e certificados pela NEC,
BARCO e DOLBY.
Manutenção, consultoria e peças de reposição.**

STRONG EQUIPAMENTOS CINEMATOGRAFICOS

Representante Autorizado para vendas e serviços.

STRONG / BARDAN INTERNATIONAL INC.

Fone: 55-61-34474741

SHIN CA 01 Lote A Sala 402 - Deck Norte - Lago Norte - Brasília - DF - Brasil

www.strong-cinema.com.br - E-mail: strong-brasil@uol.com.br